

Arquidiocese de São Paulo

Região Episcopal Ipiranga

CURSO DE FORMAÇÃO A DISTÂNCIA

Bíblia: Caminho de Encontro com Deus

Unidade 7

O EVANGELHO SEGUNDO LUCAS – 1

Jesus: Sinal de Contradição

(Cf. Lucas 2,34)

Caderno de estudos preparado pela
Equipe do Curso de Formação a Distância
da Região Episcopal Ipiranga
Pode-se usar no todo ou em partes, desde que citada a fonte
São Paulo 2013

Equipe Responsável

Pe. Jorge Bernardes
Pe. Mauro Negro, OSJ
Profa. Me. Miriam Basile Canaan
Prof. Me. Nei Márcio Oliveira de Sá
Pe. Pedro Curran, OMI
Pe. Ramires Henrique, NDS

Texto desta Unidade

Pe. Me. Mauro Negro, OSJ. Biblista PUC SP
Faculdade de Teologia N.S. Assunção

Apresentação

Nosso curso de formação a distância dá mais um passo em sua caminhada. Aliás, todos caminhamos para Deus com a Bíblia. Por isso é que chamamos nosso curso de "Bíblia: caminho de encontro com Deus". Nosso curso tem a ideia de caminho como ponto de partida. Quando começamos a estudar a Bíblia, sete fascículos atrás, nós insistimos na afirmação que a palavra "Torah", que é o modo hebraico de chamar o Pentateuco, tem o sentido não apenas de "Lei", mas de "ensino". E um ensino constante nos faz caminhar, crescer. Por isso dizemos que Torah ou Pentateuco pode ser entendido como "caminho". E por extensão toda a Bíblia é um "caminho": um caminho para Deus.

Fizemos um belo percurso em nosso Curso. Primeiro vimos a Bíblia como texto sagrado para os Judeus e para os Cristãos. Depois vimos vários aspectos da Bíblia, curiosidades e dados importantes. Basicamente vimos o Antigo Testamento. Em destaque tivemos o Pentateuco e o Livro de Ester. Do Pentateuco vimos cada livro em particular e os personagens mais importantes. Isto tudo lemos nos primeiros cinco fascículos. O motivo da escolha do Pentateuco ou Torah é a importância que este conjunto de Livros tem para a experiência de fé do Cristianismo e, antes dele, do Judaísmo. O Livro de Ester foi apresentado por ser um Livro não muito conhecido e por destacar a importância de uma mulher na história sagrada.

Os aspectos importantes do Antigo e do Novo Testamento, como a relação que existe entre os dois, a dependência que o Novo Testamento tem em relação ao Antigo Testamento deve ser conhecida por nós, Cristãos. Conhecida e respeitada.

É comum que muitos leitores da Bíblia, leitores Cristãos, sintam-se um pouco (ou muito) impressionados com o Antigo Testamento. Até assustados! Isto é fruto de uma leitura não bem feita. Para ler o Antigo Testamento é preciso ter um adequado acompanhamento, pois ele apresenta aspectos difíceis de ser compreendidos. Se os estudos que fizemos, tanto do Pentateuco quanto de Ester e de outras partes do Antigo Testamento, serviram para superar medos e impressões negativas dele, então estamos felizes.

Agora passaremos ao Novo Testamento. Veremos em quatro fascículos o Evangelho de Lucas. Escolhemos este Evangelho, pois é ele o principal dos textos dos Evangelhos que neste ano serão proclamados na Liturgia de Domingo. É o chamado Ano Litúrgico C. O Ano Litúrgico A destaca o Evangelho segundo Mateus e o Ano Litúrgico B destaca o de Marcos. O Evangelho segundo João está presente em diversos momentos durante o ano, independente se é Ano A, B ou C.

A partir deste fascículo a avaliação da aprendizagem será diferente. Até agora vocês, que fazem este Curso, respondiam um questionário de perguntas objetivas (de marcar "x") e uma pergunta a ser respondida com uma redação de texto. O último fascículo, de Ester, já foi um pouco diferente. Agora faremos assim: Teremos uma série de per-

guntas, objetivas (de marcar "x") e subjetivas (de responder com um texto escrito). Se você desejar você poderá mandar as respostas para nós. Mas somente se você desejar. Você não é obrigado a mandar as respostas. Decidimos mudar o procedimento, pois muitos de nossos cursistas tinham dificuldade de mandar as respostas e, por outro lado, queriam continuar recebendo os fascículos. Assim, mesmo que você não mandar as respostas das questões para nós, **você não deixará de receber os fascículos.**

Nós também não mandaremos as respostas corrigidas aos cursistas. Iremos mandar as respostas possíveis, e corretas, no fascículo seguinte. Isto é: no mesmo fascículo em que as perguntas serão postas elas também serão respondidas. Será você, cursista, que deverá ter o cuidado de não responder as perguntas olhando as nossas respostas. Deste jeito não há aprendizado.

Mas você poderá mandar também as suas respostas para nós, como dissemos. Nós não devolveremos as respostas corrigidas, mas teremos uma ideia de como nossos leitores estão progredindo no estudo.

Faça a sua parte: estude, leia, pesquise e partilhe com outros tudo o que aprendeu. Faça propaganda de nosso Curso e o aproveite o máximo possível. É necessário que tenhamos Cristãos adultos na Fé. Isto pode acontecer com o estudo intenso das Sagradas Escrituras.

Bom estudo do Evangelho segundo Lucas!

A Equipe do Curso de Formação a Distância

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

1. “PALAVRA DA SALVAÇÃO”

Quando vamos à Igreja e celebramos a Eucaristia sempre ouvimos, no início de uma das leituras: “O Senhor esteja convosco!”. Depois da resposta que damos, “Ele está no meio de nós!”, segue uma introdução e que é também uma indicação: “Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas!” Ou é “...segundo Mateus!”, ou então “...segundo Marcos!”, “...segundo João!”.

Esta leitura nós a escutamos em pé. No final de sua proclamação o leitor afirma: “Palavra da Salvação!”

São quatro as leituras bíblicas durante uma celebração eucarística de Domingo: a [1ª] Primeira Leitura, o [2ª] Salmo, que também é da Bíblia e, portanto, também é uma leitura, a [3ª] Segunda Leitura e o [4ª] Evangelho. Em geral esta quarta leitura, dentre as outras três proclamadas durante a celebração, é a que recebe mais destaque na Assembleia que a ouve e na palavra do pregador, durante sua pregação. Sabemos que se trata da proclamação do Evangelho.

Dentre os textos bíblicos, do Antigo e do Novo Testamento, os que nos chamam mais a atenção são os quatro Evangelhos. Isto ocorre apesar dos Evangelhos não serem os livros em maior número na Bíblia. Veja que os Livros do Pentateuco são cinco; os Livros Proféticos são 18 (ou 17, dependendo de como se conta!); as Cartas Paulinas são 13... Mas os Evangelhos, que são quatro, ocupam a atenção dos leitores da Bíblia mais do que os outros Livros. O motivo parece evidente: eles são, para a maioria dos seus ouvintes, isto é, de nós que acreditamos em Jesus, as suas próprias palavras e as histórias de sua vida, de seus feitos e do seu testemunho.

Os quatro Evangelhos têm histórias complexas e muitos estudiosos, em todos estes séculos de História da Igreja, os estudaram, comentaram e explicaram. Foi especialmente em meados do século 19 e no século 20 que as pesquisas sobre os Evangelhos tiveram um avanço enorme. Isto aconteceu em relação a toda a Bíblia, mas com relação aos Evangelhos consideram-se estes estudos de uma importância particular pelo fato do seu sujeito principal: Jesus Cristo.

Por outro lado vemos nos meios de comunicação social uma presença notável de ideias a respeito de Jesus Cristo, de sua Pessoa, de fatos ligados direta ou indiretamente a Ele. De tempos em tempos aparecem livros e romances que contam histórias sobre Jesus; revistas são publicadas sobre Jesus; músicas que falam de Jesus. Uma rápida pes-

quiza nas rádios e nas emissoras de televisão mostram quantos programas religiosos apresentam a suposta ação de Jesus e ensinam (ou dizem que ensinam) sobre Jesus. No final do ano de 2012 foram publicadas seis ou mais revistas de conhecimento geral e divulgação cultural com matérias de capa relacionadas a Jesus e sua vida. Isto sem falar de filmes que, de vez em quando, aparecem e fazem relativo sucesso. Se estes filmes ou reportagens envolverem suposta atividade sexual no grupo de Jesus, e se disseram que alguém, dentro da Igreja, esconde informações... Ah! É aí que as coisas fazem realmente sucesso!

As informações sérias que se têm a respeito de Jesus provêm, na sua maior parte, dos quatro Evangelhos que ouvimos ser proclamados nas Igrejas, durante as celebrações dos Domingos. Contudo, os quatro Evangelhos são ainda desconhecidos. A leitura que se faz nem sempre é a melhor e, por consequência, a compreensão de Jesus Cristo deixa a desejar.

Talvez o grande problema disto tudo esteja "na comunhão da Igreja". Expliquemos melhor. Os textos bíblicos, todos os Livros da Bíblia, nasceram em um contexto de fé. Não são apenas obras históricas ou literárias. São obras literárias e históricas, sim, mas sempre dentro de uma visão de fé. Uma visão teológica.

TEOLOGIA E VISÃO TEOLÓGICA

Visão teológica vem da palavra "Teologia". Esta palavra quer dizer, literalmente, "discurso sobre Deus" ou "palavra a respeito de Deus". É a tentativa de compreender a comunicação de Deus e Ele próprio a partir da Revelação bíblica.

REVELAÇÃO BÍBLICA

É o conjunto de informações e verdades que vêm até nós pelas páginas da Bíblia.

Quando a Bíblia é ouvida ou estudada sem a perspectiva da fé, sem pensamentos teológicos, então ela apresenta dificuldades notáveis de entendimento. Uma destas dificuldades está na compreensão da Pessoa e da Missão de Jesus. Ela pode se resumir em uma questão bem básica que todos já ouvimos e até já expressamos: "Onde esteve Jesus e o que fez em todo o tempo que viveu, além daqueles anos que são narrados nos Evangelhos?" Podemos acrescentar ainda outras perguntas mais: "O que fez e ensinou Jesus depois da Ressurreição?" Se Ele esteve quarenta dias com seus discípulos por que muito pouco disto é contado?

Estas perguntas serão respondidas ao longo de nosso estudo. Outras perguntas virão e também serão respondidas. Mas cada um de nós, leitores modernos dos Evangelhos e de toda a Bíblia, devemos nos perguntar e, sobretudo, fazer perguntas à própria Bíblia e aos Evangelhos. Não tenhamos medo de perguntar, pois uma quantia enorme de pessoas, nestes séculos todos de história, já fez suas perguntas. E teve respostas. Algumas perguntas ainda precisam ser feitas e outras esperam para ser respondidas...

Estejamos dispostos a receber respostas não conforme desejamos, mas de acordo com o próprio texto bíblico. E não nos esqueçamos de algo indispensável: A Bíblia, os Evangelhos, a Pessoa e a Missão de Jesus, tudo isso têm sentido quando visto dentro da comunidade, quando buscado com fé e com desejo de Deus. Faltando estes elementos a nossa procura será uma curiosidade cultural, talvez folclórica. E provavelmente não entenderemos direito.

Queremos observar uma coisa: também quem não está na comunhão da Igreja pode compreender os Evangelhos e a Bíblia. Mas será um pouco mais difícil, pois é preciso o dom, a graça que vêm pelo batismo e pela participação na Comunidade.

Visto desta forma, a distância que alguns batizados têm dos Evangelhos e da Bíblia é um problema e um contratemunho. Porém não basta ouvir a Palavra. Sim! Ouvir é importante, fundamental, mas apenas ouvir não leva à felicidade e à graça. É preciso aceitar.

A Carta aos Hebreus diz, em 4,2: *Pois também nós, como eles, recebemos a boa nova. A palavra que ouviram, contudo, de nada lhes aproveitou, por não se terem unido pela fé àqueles que a tinham ouvido.* O autor da Carta aos Hebreus está falando sobre a libertação do Egito, com a travessia pelo mar. E recorda que os que foram salvos de lá não entraram na Terra Prometida, mas ficaram no deserto.

É como em Marcos 2,2, quando o Evangelho fala dos que acorreram ao encontro de Jesus para ouvi-lo: *E tantos foram os que se aglomeraram, que já não havia lugar nem à porta. E anunciava-lhes (Jesus) a Palavra.*

Muitos dos que ouviam a Palavra se convenciam e convertiam. Mas muitos não... Outros achavam tudo muito bonito, e só... Também na Carta aos Hebreus nós podemos ler: *...a Palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes...* (Hebreus 4,12).

2. ESTE NOSSO ESTUDO

Nosso estudo do Evangelho de Lucas será dividido em **quatro etapas** que estarão em **quatro fascículos** que chamaremos **unidades**. Cada etapa de estudo ou cada unidade, em cada fascículo, será dividida em três partes. Serão estas:

1. SOBRE A BÍBLIA E OS EVANGELHOS
2. O EVANGELHO DE LUCAS
3. LUCAS NA LITURGIA

Vejamos um pouco o que cada uma destas partes deseja apresentar:

[1] SOBRE A BÍBLIA E OS EVANGELHOS. Nesta parte iremos tratar de assuntos relacionados à Bíblia em geral. Existem muitas ques-

tões que precisam ser estudadas para que se compreenda melhor a Sagrada Escritura. Alguns destes pontos já foram vistos quando estudamos o Pentateuco e outras partes da Bíblia.

Mesmo assim é preciso lembrar pontos importantes e insistir em algumas ideias para melhor compreender o texto da Bíblia e, de modo especial, os Evangelhos.

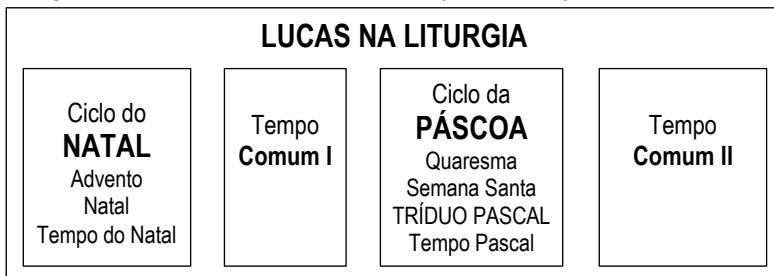


[2] O EVANGELHO DE LUCAS. Esta parte será a maior em cada fascículo, pois estudaremos todo o Evangelho de Lucas. Para isso, iremos indicar sempre as passagens que devem ser lidas do Evangelho. Isto exige que todos tenham uma Bíblia para acompanhar os estudos. Algumas vezes, quando for importante, iremos transcrever os textos analisados no fascículo. Mas na maioria das vezes você deverá ler na própria Bíblia. Isto é muito importante, pois a leitura dos Evangelhos, feita diretamente na Bíblia, é indispensável.

Neste estudo do Evangelho de Lucas iremos dividir o Evangelho de um modo diferente daquele que encontramos nas nossas Bíblias. Praticamente leremos o Evangelho “de traz para frente”! Começaremos, na UNIDADE 7, com os últimos capítulos, que apresentam o **Mistério Pascal**, a Paixão, a Morte e a Ressurreição de Jesus, com a sua Ascensão. Depois iremos para os capítulos que apresentam a pregação de Jesus, seu **Anúncio**, sua **Mensagem de Salvação**. Veremos isto em dois fascículos, a UNIDADE 2 e a UNIDADE 3. Aqui entenderemos o **Caminho** proposto por Jesus aos seus discípulos. Finalmente, no último fascículo, de número 4, estudaremos a abertura do Evangelho de Lucas, seus primeiros capítulos, nos quais veremos o **Mistério do Evangelho da vida oculta de Jesus**. No decorrer de nosso curso iremos explicar por que este modo de apresentar o Evangelho.



[3] LUCAS NA LITURGIA. Como já falamos no início desta introdução, os Evangelhos são os textos da Bíblia que mais nos chamam a atenção. E isto ocorre, de modo especial, na Liturgia. Por isso iremos, nos quatro fascículos, observar como Lucas é apresentado na Liturgia, especialmente na Liturgia dos Domingos. Esperamos com isso ajudar também os Catequistas que ensinam os adultos, os jovens e as crianças a seguir a Jesus e a ama-lo com confiança e dedicação.



Não será aqui, nestas páginas, que iremos esgotar os argumentos sobre o Evangelho de Lucas e, muito menos, sobre a Bíblia. É importante que o estudo continue, a curiosidade seja inspirada pela fé e alimente a esperança.

Vamos sempre nos lembrar do que o velho Simeão, no Templo, disse a Maria, a respeito de Jesus. Em Lucas 2,22-38, José e Maria vão ao Templo para apresentar Jesus e resgatá-lo. Era um rito praticado pelos Judeus quando o casal tinha seu primeiro filho. Também Maria devia passar por um rito de purificação depois do nascimento de seu filho. Nesta ocasião, eles encontram-se com um homem que o Evangelho de Lucas afirma ser "...justo e piedoso" (versículo 25). Entre tantas coisas que ele disse, uma chama a atenção. Ele se voltou para Maria, Mãe de Jesus, e afirmou a respeito dele:

*Eis que este menino
foi colocado para a queda
e para o soerguimento de muitos em Israel,
e como um **sinal de contradição...***

Jesus é um sinal de contradição, pois sua simples presença faz com que as intenções e desejos sejam demonstrados. Seguir Jesus pelo caminho é descobrir o fascinante mundo de Graça que Ele nos propõe. E Lucas, no Evangelho, nos ajudará a fazer esta caminhada.

Primeira Parte SOBRE A BÍBLIA E OS EVANGELHOS

ALGUMAS OBSERVAÇÕES E UM CONVITE

Nesta primeira parte são apresentados temas diversos, relacionados ao assunto que estudamos neste nosso Curso de Formação a Distância. Eles estão relacionados ao conhecimento e à leitura de toda a Bíblia e dos Evangelhos em particular.

A intenção destas informações é aumentar os conhecimentos bíblicos dos leitores. O desejo é e leva-os a compreender as Sagradas Escrituras como uma obra possível de ser lida por todos, mas que tem algumas exigências particulares.

Uma observação muito importante: as Sagradas Escrituras podem ser estudadas por todos e em todos os lugares. Mas o lugar mais adequado para se compreendê-las é na Comunidade de Fé. E em especial dentro da Liturgia. É neste momento que as Sagradas Escrituras ou Bíblia tem sua maior força e expressão. Por isso, convidamos nossos leitores a participar atentamente e intensamente da Liturgia na sua Comunidade.

1. OS TEXTOS DA SAGRADA ESCRITURA

1.1. Textos diferentes. Os textos da Bíblia não são todos iguais! Isto pode ser desnecessário de se afirmar, mas é importante. Até os Evangelhos, que são muito parecidos, têm diferenças entre si. O que queremos dizer é que os textos têm estilos, gêneros, meios de se comunicar diferentes. De fato, muitas pessoas leem a Bíblia e os Evangelhos como se estivessem lendo uma notícia de jornal ou artigo de revista... E a leitura destes Livros, os Evangelhos, aliás, a leitura de toda a Bíblia não pode ser assim!

Como estamos estudando o Evangelho segundo Lucas, vamos usar como exemplos de nossos argumentos o próprio Evangelho de Lucas. Assim, é importante que você já tenha a Bíblia aberta neste Evangelho.

1.2. Cada texto uma situação. Os textos da Bíblia, que compõem os vários Livros bíblicos, têm origens diferentes uns dos outros. Os biblistas chamam este fato de "ambiente vital".

"Ambiente vital" é a situação na qual o texto surgiu. Para compreender isto é importante recordar que é muito raro que um texto bíblico tenha sido escrito por alguém sentado em uma cadeira, com uma mesa à frente, tranquilo, sem pressa, pensando no que vai escrever,

fazendo várias redações e depois escolhendo uma... Pode ter existido uma mesa para escrever, mas não tanta tranquilidade para o escritor.

Outra ideia importante que devemos ter: os textos foram escritos **depois** dos fatos acontecidos, com a clareza do que eles geraram. Em outras palavras, os textos bíblicos, na sua maioria, não são ficção, invenção sobre o futuro. Claro que existem textos que projetam o futuro. Por isso dissemos que “na sua maioria” os textos não são ficção.

O escritor que, inspirado por Deus, olha o passado e avalia os fatos, dando importância àquilo que, no seu presente, tem realmente importância. O escritor faz escolhas. Quer dizer que ele deixa de lado muitas coisas que poderiam ser importantes para nós, hoje. E escolhe outras que, para nós, não têm lá grande importância, mas que para ele, no seu tempo, no tempo em que escreveu, tinham.

1.3. Alguns exemplos. Este aspecto é muito importante quando se estuda os textos bíblicos. Sabemos que muitos deles apareceram em situação de conflito, de perseguição. Alguns textos foram compostos originalmente para momentos e celebrações litúrgicas. Depois de usados para a finalidade que foram escritos, acabaram sendo reunidos e formaram partes de livros e até livros inteiros.

Talvez isto seja bem claro no Livro dos Salmos. Quando estudamos os Salmos vemos que alguns deles foram compostos para finalidades diversas.

[a] Salmo 79 (78): Este é um Salmo de lamento e de revolta. Segundo os estudiosos ele foi escrito depois da tomada do Templo de Jerusalém pelos babilônios, em 587 ou 586 aC. Ele reflete esta situação.

[b] Salmo 119 (118): Este é o mais longo dos Salmos do Saltério. É um belo elogio da Lei, que é o caminho pelo qual o fiel deve seguir. Este elogio foi escrito em um ambiente tranquilo, sem crises aparentes. É o seu ambiente vital.

[c] Salmo 126 (125): É um dos chamados “Salmos de subida”. Faz parte de um conjunto maior, do Salmo 120 (119) ao 134 (133). O ambiente vital destes Salmos é litúrgico. Estes Salmos foram escritos para momentos de celebração em Jerusalém, quando os peregrinos vindos de longe, chegavam à cidade para visitar o Templo. Pode ser que tais Salmos tenham sido escritos durante a própria chegada e expressam a experiência de quem passou por aquele momento de caminhada.

[d] Salmo 137 (136): É um dos Salmos mais difíceis do Saltério. Ele foi escrito no momento do sofrimento do exílio do Povo da Aliança em Babilônia. Os últimos versículos só podem ser entendidos se levarmos em conta que nasceram em um ambiente vital de rancor e até ódio contra os opressores. Sentimentos muito humanos que são refletidos no texto bíblico.

O ambiente vital é fácil de ser observado no Livro dos Salmos. Em outros Livros não é tão fácil assim. Vejamos alguns poucos exemplos.

[e] Gênesis 1,1–2,3: É o poema da criação. Já tivemos a oportunidade de analisa-lo de perto quando estudamos o Pentateuco ou Torah. Ele é uma declaração de fé, uma espécie de “creio” que o Povo da Aliança declarava para afirmar sua adesão a Deus. Não é uma descrição da formação do mundo! Este talvez seja um dos maiores erros na leitura do Antigo Testamento. O objetivo deste texto não é dizer como as coisas aconteceram, mas por que aconteceram! O porquê é que Deus está do lado de seu Povo, não o abandona. E é maior do que os deuses da Babilônia, que estavam sempre sendo propostos ao Povo no exílio. Este texto, então, tem o ambiente vital de resistência e auto-afirmação.

Dois textos do Novo Testamento:

[f] Apocalipse 13,1–10: Depois do Gênesis o Livro que talvez cause mais dificuldades para ser interpretado é o Apocalipse. As muitas imagens, figuras, palavras com duplos sentidos, sentidos invertidos, etc., tudo isso causa dificuldades para que os leitores entendam o texto. Prova disso é o erro grave de usar a palavra “apocalipse” como sinônimo de “fim de mundo”. Ela é muito usada neste sentido. E também no sentido de destruição, aniquilação, sofrimento, etc. E seu sentido é “revelação”. Nesta perícopos vemos muitas imagens. “Besta”, “mar”, “chifres”, “patas de urso”, “blasfêmias”, e muito mais. Isto tudo tem a ver com o Império Romano e o culto do Imperador. Ele se declarava deus e queria ser cultuado como tal. Este texto não fala de fim de mundo ou de sofrimento no futuro. Ele é uma descrição do sofrimento pelo qual passavam os leitores e o escritor do texto. Eles veem que aquilo vai ter um sentido, uma solução. O ambiente vital é de perseguição política, cultural e militar.

[g] Lucas 22,14–21: Temos aqui duas perícopes que formam uma narração. Trata-se da instituição da Eucaristia, segundo o Evangelho de Lucas, que estamos estudando. Este texto tem, segundo os estudiosos, o ambiente vital de liturgia. E é fácil de compreender, pois é usado até hoje nas nossas liturgias eucarísticas. Esta origem reflete o uso que o texto tinha antes de ser colocado como parte do Evangelho.

O estudo dos textos levando em consideração o ambiente vital é muito importante de ser observado. Tanto é importante que aqueles que se dedicam a estudar de modo sistemático a Bíblia fazem isto automaticamente. Neste nosso curso o ambiente vital dos textos bíblicos que vamos estudar já é considerado e apresentado no conjunto das explicações.

2. OS GÊNEROS LITERÁRIOS

Gêneros literários. Precisamos saber e compreender que os textos da Bíblia podem ser identificados com o que se chama de **gêneros literários**. Esta é uma informação de grande importância, pois é ela que determina o modo de compreender os textos e relacioná-los com outros. Vejamos então este importante tema.

2.1. Hinos. Se olharmos para o Evangelho de Lucas, capítulo 1, versículos 46–55, veremos um famoso hino ou cântico, chamado “Magnificat”, ou Cântico de Maria (veja caixa de texto).

O “Magnificat” é um **hino**. Sendo um hino ele é de um gênero literário particular: o gênero de hinos ou cânticos. Ele é em forma poética.

2.2. Genealogias. Agora vejamos o texto de Lucas 3,23–38. É a genealogia de Jesus. Aqui aparecem os antepassados de Jesus. A sequência de um para outro chega a ser cansativa e alguns nomes são estranhos. A genealogia de Jesus é outro gênero literário, que é chamado, justamente, **genealogia**. No Novo Testamento são poucas as genealogias, mas no Antigo Testamento elas são em grande número. O motivo é que elas são a segurança da identidade de uma pessoa: ela é descendente de alguém especial e, portanto, é também especial.

“Magnificat” é a expressão em latim para “engrandece”. Esta é a primeira palavra do chamado “Cântico de Maria”, quando ela se alegra e agradece a Deus, depois da visita à sua parenta, Izaabel (Lucas 1,39–45). Este é um hino muito conhecido, cantado, rezado, e tomado como inspiração para outros cantos litúrgicos e devocionais.

2.3. Parábolas. Vamos para o meio do Evangelho. Em Lucas 15,4–31 nós encontramos três parábolas. São as chamadas “Parábolas de misericórdia”. Em Lucas 15,4–7 temos a parábola da ovelha perdida; em Lucas 15,8–10 temos a parábola da moeda perdida; e em Lucas 15,11–32 a parábola do filho perdido, também chamada de parábola do filho pródigo.

Nestes três textos, as três parábolas, encontramos ensinamentos de Jesus que usam histórias inventadas, chamadas justamente “parábolas”. Em Lucas 15,3 o texto indica, claramente, que aquelas são parábolas. Então não há como se enganar. Mas em Lucas 16,19–31 temos uma parábola que não tem introdução de parábola. É preciso, neste caso, estar atento ao gênero literário que o texto apresenta. Claro que, se lermos o texto desde o capítulo 15, veremos que é uma única narração, na qual Jesus ensina em forma de parábolas.

Nisto tudo o gênero literário é o de **parábolas**. Uma parábola é um ensinamento que se serve de uma história inventada. A história não é tão importante quanto o sentido que ela apresenta. É uma espécie de “moral da história”. Mas não podemos ler e interpretar uma parábola do

mesmo modo que lemos e interpretamos um poema, como o cântico de Maria. Não podemos interpretar um cântico e uma parábola do mesmo modo que fazemos com uma genealogia. Cada gênero literário deve ser entendido como é.

2.4. Narração. Vamos seguir em frente na nossa análise. Outro texto que podemos ver, de outro gênero literário, é o de Lucas 22,14–20. É o relato da última ceia, no contexto da despedida entre Jesus e seus discípulos. Este texto não é genealogia, como é fácil de perceber; não é parábola, não é hino ou cântico. É uma **narração**. Sendo uma narração este texto deixa à mostra um fato, uma ação de Jesus, algo que pode ser usado para a compreensão de Deus que age na história. No caso deste gênero, narração, devemos nos lembrar de que existem muitos tipos de narração. Então, é como dizer que existem vários gêneros literários narrativos. Este texto da ceia é um tipo de narração.

2.5. Narração de milagre. Outro exemplo de gênero de narração encontra-se em Lucas 7,11–17. É o episódio da ressurreição do filho da viúva de Naim. Uma **narração de milagre**. Chama-se um texto deste tipo de **relato de milagre**. E existem mais gêneros literários, muitos.

2.6. Narração de teofania. Um gênero literário de narração que é muito importante é a **narração de teofania**, quando um fato maravilhoso, uma intervenção de Deus acontece na história das pessoas e mexe com elas profundamente. Exemplo disto é Lucas 9,28–36, no texto chamado de “Transfiguração”.

2.7. Sumário. Em Lucas 4,14 encontramos, em um único versículo, o que chamamos de **sumário**. Este é um gênero curioso, pois em poucas palavras são resumidos muitos fatos, ditos, lugares e momentos. É uma espécie de resumo que facilita a leitura, deixando mais tempo e espaço para fatos e momentos mais importantes. É também um modo de ligar um texto a outro, fazendo uma espécie de “ponte” entre eles, simplificando a passagem de um para outro.

IMPORTANCIA DOS SUMÁRIOS

Estes “sumários” são importantes no Evangelho segundo Lucas. De fato, são eles que marcam as diversas partes nas quais o Evangelho pode ser dividido. Veremos isso mais à frente.

Todos estes gêneros literários e outros mais estão presentes nos Evangelhos, inclusive em Lucas. Estudando o Evangelho segundo Lucas nós nos colocamos em contato com isto e devemos considerar as **diferenças entre gêneros literários**. Na prática não podemos ler um sumário do mesmo modo que lemos uma narração; não podemos ler um relato de milagre como lemos um poema, um hino; não podemos ler uma genealogia do jeito que lemos uma narração.

VEJA BEM

No fim das contas é em função destas diferenças de textos que são escritos tantos estudos e comentários sobre os Evangelhos e sobre a Bíblia. Todos os comentários e guias de leitura têm como objetivo levar os leitores a uma leitura inteligente, responsável e coerente. É claro que sempre é mais fácil ficar com o que “acho que é assim!”, como muitos dizem. Mas este não é o caminho.

PRECISAMOS APRENDER

Precisamos fixar na memória e entender algumas palavras que são importantes para compreender estas coisas. Estas palavras nós vamos sempre destacar e insistir para que sejam aprendidas. Para isso usaremos caixas de texto, resumos e exporemos diversas vezes a mesma informação, esperando assim que as ideias possam ser fixadas.

2.8. Estruturas no texto. Os textos têm estruturas, isto é, são organizados conforme princípios, modos e maneiras específicas. Um elemento importante para compreendermos como os Evangelhos chegaram até nós é o uso da memória.

A memorização, que alguns chamam de “decoração”, é o ato ou o efeito de guardar na memória textos, números ou elementos que foram vistos e estudados. Há alguns anos era uma necessidade a decoração da tabuada. Para muitos a decoração ou o ato de decorar alguma informação é algo tão distante da realidade como uma paisagem de outro planeta. Isto ocorre porque temos a nosso dispor muitos recursos técnicos, como agendas nos telefones celulares.

Mas memorizar ou decorar (que muitas vezes são conceitos muito diferentes) é algo importante e necessário para muitas situações. Na antiguidade, em praticamente todas as sociedades, a memorização era algo tão normal quanto uma caneta que podemos encontrar de centenas de tipos. Era preciso memorizar para sobreviver.

No mundo judaico do primeiro século a memorização era a base da sociedade. O ensino acontecia com a memorização. Repetiam-se frases e ensinamentos, mesmo que não fossem entendidos. Primeiro era necessário memorizar, depois entender. Por isso podemos supor que os textos que agora são lidos devem ter sido, antes, repetidos e repetidos muitas vezes, até que fossem memorizados. Os atores teatrais sabem como fazer e vivem disto.

Alguns recursos são úteis para a memorização. A rima, o número de palavras, as palavras ou conceitos opostos: tudo isto ajuda na retenção ou memorização, decoração das palavras e frases, até de longos textos.

Nos Evangelhos encontramos este tipo de coisas. Por exemplo, em Lucas 6,20–21:

*Felizes vós, os pobres,
porque vosso é o Reino de Deus.*

*Felizes vós, que agora tendes fome,
porque sereis saciados.*

*Felizes vós, que agora chorais,
porque haveis de rir.*

3. A DIVISÃO DE LUCAS

3.1. Várias formas de dividir. Uma tarefa complicada é propor uma divisão dos Evangelhos que temos na Bíblia! Um dos motivos para as dificuldades é que cada estudioso dos Evangelhos tem uma sensibilidade própria sobre o texto que está lendo. Isto faz com cada um proponha uma divisão. E para cada divisão existem vários motivos bem lógicos!

Aqui, em nosso curso, também temos nossos motivos para propor uma divisão do Evangelho segundo Lucas. Mas que todos saibam que é uma proposta como existem outras. É claro que não é uma proposta inconsequente, mas sim fundamentada em estudos e comparações.

O Evangelho segundo Lucas tem 24 capítulos de extensão diversa. O maior é o capítulo 1 que tem 80 versículos; o menor é o capítulo 16, com 31 versículos. Isto não quer dizer muita coisa, pois as divisões por capítulos e versículos foram feitas muito depois do Evangelho ter sido escrito.

A divisão em capítulos foi feita pelo teólogo Stefan Langton, professor em Paris, pelo ano 1220. Depois ele foi escolhido para ser Bispo em Canterbury. Já a divisão em versículos foi feita por um italiano, Santos Pagnino, em 1528, em Lyon, França. Depois o editor protestante Roberto Stefano, em 1555, publicou uma bíblia com a divisão em versículos, mas aperfeiçoada.

Alguns capítulos e versículos foram muito bem pensados na divisão que apresentam. Mas outros não! Além do mais, parece que não foi levada em conta a narração, os blocos narrativos do texto.

BLOCOS NARRATIVOS

São unidades narrativas que têm um conteúdo comum. Não se trata de perícopes, que são textos curtos. Trata-se de textos mais longos, com um tema comum.

Por exemplo, o anúncio de Jesus está em unidade com o anúncio de João Batista. Temos então, em Lucas 1, um bloco narrativo, pois este capítulo é todo ele sobre estes dois anúncios. Mas pode-se considerar também que o anúncio está em relação com o nascimento. Então teremos Lucas 1—2, pois o anúncio do capítulo 1 tem a ver com o relato de nascimento do capítulo 2.

Como se pode ver, aqui tem muito da sensibilidade de quem está dividindo o texto. O relato do anúncio e do nascimento, especialmente de Jesus, tem a ver com sua vida escondida: são os mistérios da vida oculta de Jesus. Então este bloco vai além do capítulo 2, só terminando com Jesus anunciando o Evangelho em público. Aqui já começa o ministério público de Jesus.

Aqui neste nosso curso vamos considerar o Evangelho de Lucas dividido em TRÊS GRANDES PARTES. Daremos às três partes dois destaques importantes. O fato de serem, cada uma, expressão do Evangelho e anúncio do Mistério.

A palavra Evangelho e seu sentido nós já conhecemos. Agora vamos entender o que é MISTÉRIO.

3.2. Mistério. O senso comum, isto é, o modo de pensar comum e partilhado entre as pessoas indica que mistério é o que não se conhece, o incompreensível, o inacessível. Não é este o sentido de Mistério que queremos apresentar.

Mistério é algo que podemos conhecer. E quanto mais conhecermos, mais podemos conhecer. É algo que, pode-se dizer, é inesgotável. Mas, note bem uma coisa importante: não é um conhecimento intelectual apenas. Não se trata de conhecer informações e conceitos. Claro, isto também é importante e faz parte, sim, do conteúdo do Mistério.

O conhecimento do Mistério é menos o aprendizado de algo e mais a experiência com Alguém. É uma experiência de vida e de vida partilhada. São Paulo, na carta aos Colossenses, quando fala de seu trabalho de evangelização na Igreja, afirma em 1,25-28:

*Dela [a Igreja] eu me tornei ministro por encargo divino a mim confiado a vosso respeito, para levar a bom termo o anúncio da Palavra de Deus, o **mistério** escondido desde os séculos e desde as gerações, mas agora manifestado aos seus santos. A estes quis Deus tornar conhecida qual é entre os gentios a riqueza da glória deste **mistério**, que é Cristo em vós, a esperança da glória. Esse Cristo nós o anunciamos, advertindo os homens e instruindo-os em toda sabedoria, a fim de apresentá-los todos, perfeitos em Cristo.*

O “mistério escondido” é o próprio Deus, revelado em Jesus Cristo. E quem aceita Jesus Cristo entra em comunhão com Deus. Isto é possível não apenas para os judeus, herdeiros naturais das promessas feitas no Antigo Testamento, mas também para os não judeus, chamados de gentios. Compreende, conhece o Mistério quem aceita Jesus Cristo como cominho para chegar até Deus. O Evangelho é, assim, a exposição do Mistério de Deus vivido em Jesus Cristo. Cada etapa da vida de Cristo revela parte deste Mistério e coloca cada ser humano em comunhão com Deus.

3.3. Divisão pelos Mistérios de Jesus. Sendo assim, chamaremos que Mistério este anúncio, compreensão, aceitação e vivência do que é apresentado em Jesus Cristo. Será sempre o Mistério de Jesus, em três etapas fundamentais: o Mistério de sua vida oculta, o Mistério de sua pregação, o Mistério de sua Páscoa. Cada parte do Evangelho segundo Lucas será a expressão do Mistério. E cada Mistério será um anúncio, uma boa nova, um anúncio. É assim que dividimos o Evangelho de Lucas.

EVANGELHO
DO MISTÉRIO DA
VIDA ESCONDIDA
DE JESUS

EVANGELHO
DO MISTÉRIO
DA PREGAÇÃO
DE JESUS

EVANGELHO DO
MISTÉRIO PASCAL
DE JESUS

[1] Evangelho do Mistério da vida escondida de Jesus. Trata-se de todo o texto desde logo depois do Prólogo, seguido do anúncio

do nascimento de João Batista e de Jesus até a tentação de Jesus no deserto. O Mistério é a ação de Deus:

— Deus age na intimidade das pessoas, com Maria, Izabel, Zacarias, José, Simeão, Ana, os pastores, João Batista.

— Deus age na liberdade e decisão de cada um: aceitação do nascimento de João Batista e de Jesus; tentação de Jesus, quando Ele também deve decidir-se por Deus, não pelo mal.

[2] Evangelho do Mistério da pregação de Jesus. Aqui está a maior parte do Evangelho. Pode-se dividir este longo período em três conteúdos.

- Palavra e ensinamentos de Jesus;
- Fatos e acontecimentos relativos a Jesus, incluindo milagres;
- Reações a respeito de Jesus, aceitação e rejeição.

[3] Evangelho do Mistério da Páscoa de Jesus. A passagem de Jesus pela vontade do Pai é o Mistério da Páscoa. Pode ser dividido também em três partes.

- Paixão e morte de Jesus;
- Ressurreição de Jesus;
- Consequências na Igreja.

Na prática, a divisão fica assim:

Prólogo	1,1-4
Primeira parte: Mistério da vida escondida	1,5-4,13
Segunda parte: Mistério da pregação	4,14-21,38
Terceira parte: Mistério da Páscoa	22,1-24,52

3.4. Divisão por ações e situações. Entre outras formas de dividir o texto do Evangelho segundo Lucas esta é também possível. Ela é ligeiramente diferente desta que acabamos de apresentar. Trata-se de considerar os **movimentos** de Jesus e suas **situações**. Vejamos:

Prólogo	1,1-4
Primeira parte: Vida Oculta	1,5-2,80
Segunda parte: Início da pregação Jesus na Galiléia	3,1-9,50
Terceira parte: Jesus sobe para Jerusalém Instruções aos apóstolos	9,51-19, 27
Quarta Parte: Em Jerusalém	19,28-21,38
Quinta Parte: O Mistério Pascal	22,1-24,53

Existem outros modos de dividir o texto de Lucas. Ficaremos apenas com estas duas indicações. Usaremos a primeira divisão com algumas influências da segunda. É assim que estudaremos o Evangelho de Lucas:

Prólogo	1,1-4
Primeira parte MISTÉRIO DA VIDA OCULTA	1,5-4,13
Segunda parte MISTÉRIO DA PREGAÇÃO DE JESUS	
Primeira parte	
Jesus na Galileia	4,14-9,50
Jesus sobe para Jerusalém	9,51-19,27
Segunda parte	
Jesus em Jerusalém	19,28-21,28
Terceira parte MISTÉRIO DA PÁSCOA DE JESUS	22,1-24,53

Nos fascículos que teremos isto tudo será organizado assim:

<p>1º fascículo (7ª Unidade do Curso a Distância)</p> <p>TERCEIRA PARTE Mistério da Páscoa de Jesus 22,1-24,53</p>	<p>2º fascículo (8ª Unidade do Curso a Distância)</p> <p>SEGUNDA PARTE Mistério da Pregação de Jesus [1] Jesus na Galileia 4,14-9,50 Jesus sobe para Jerusalém 9,51-19,27</p>	<p>3º fascículo (9ª Unidade do Curso a Distância)</p> <p>SEGUNDA PARTE Mistério da Pregação de Jesus [2] Jesus em Jerusalém 19,28-21,28</p>	<p>4º fascículo (10ª Unidade do Curso a Distância)</p> <p>PRIMEIRA PARTE Mistério da vida oculta de Jesus 22,1-24,53</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Como se pode ver, veremos o Evangelho do modo como foi pensado pelos seus autores: primeiro o Mistério da Páscoa, a vitória de Jesus; depois o Mistério da pregação, do testemunho e ensino de Jesus; por último, o Mistério da vida oculta, isto é da origem de Jesus.

DUAS PALAVRINHAS PARA ESCLARECER

Os motivos para este tipo de divisão são muitos. Em primeiro lugar, como já foi falado aqui, a sensibilidade do leitor e expositor. Depois, o fato que o anúncio fundamental a respeito de Jesus foi sua Paixão, Morte e Ressurreição, como podemos ver em 1 Coríntios 15,3-7. Por isso o primeiro fascículo deste nosso estudo sobre Lucas aborda o Mistério Pascal.

Concorre também como motivo para esta divisão a ideia teológica que os relatos que compõem o Mistério da vida oculta de Jesus são não **introdução** ao Evangelho, mas explicações do próprio **Mistério da Pessoa de Jesus**. Ele é apresentado, assim, como terceira parte do Evangelho, na conclusão, no quarto fascículo.

A segunda parte do Evangelho, que chamamos aqui de Mistério da pregação de Jesus, foi dividida em duas seções, de modo desigual. Uma primeira seção é Jesus na Galileia, em 4,14-9,50, com Jesus sobe para Jerusalém, em 9,51-19,27. A segunda seção desta segunda parte é menos longa em texto, indo de 19,28 até 21,28, mas apresenta um denso conteúdo.

Segunda Parte

O TEXTO DO

EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

Como sempre a divisão de um texto bíblico depende de vários fatores presentes no próprio texto. Além disso, há também a sensibilidade ou interpretação do leitor e expositor do tema. Não ache estranho se, em outro livro sobre o Evangelho de Lucas, você ver uma proposta de divisão diferente... É a sensibilidade de cada um e os critérios usados.

É de fundamental importância que os textos indicados aqui sejam **lidos na Bíblia**. Não deixe de lê-los com atenção, pois somente assim as explicações serão compreendidas.

Além do mais, seria estranho “estudar a Bíblia sem ler a Bíblia!”...

Para estudar o texto do Evangelho, vamos dividi-lo por blocos. A facilidade de estudar seguindo os blocos ou partes do texto é que o Evangelho é visto por dentro, nas suas divisões. O problema é que pode ser perdida a visão do todo do texto. Para que isto não aconteça vamos fazer referência ao texto em no seu geral, mesmo quando estivermos estudando uma parte específica. Por isso você terá de mexer um pouco na sua Bíblia!

A divisão que propomos aqui é bem clara e fácil de ser entendida. Seguimos a proposta de um grande biblista que chama os blocos do texto como **atos** e **cenias**. Os atos são os grandes movimentos do drama que o texto do Evangelho deseja contar. As cenias são os fatos, as falas, os acontecimentos que se sucedem.

Fazemos esta escolha de dividir por **atos** e **cenias** para deixar evidente a narração que é feita no texto. O autor do Evangelho segundo Lucas desejava apresentar aos seus leitores, de todos os tempos, um grande e emocionante drama que leva ao conhecimento de uma Pessoa e de sua Missão: Jesus. Os atos e as cenias vão se sucedendo e fazendo-nos conhecer este grande Personagem. Estes são os **atos**:

O “grande biblista” citado acima chama-se Raymond E. Brawn. Ele foi, na avaliação de muitos estudiosos, o maior biblista norte americano do século 20. Era Padre Católico e faleceu há alguns anos. Durante muito tempo ele participou da Pontifícia Comissão Bíblica. Duas das suas obras mais notáveis são: *O Nascimento do Messias* e *A Morte do Messias*.

1º Ato – Jesus, o perseguido: 22,1–46

2º Ato – Jesus, sua paixão e morte: 22,47–23,56

3º Ato – Jesus, o ressuscitado: 24,1–52

Cada um destes atos têm cenas. Às vezes mais, às vezes menos cenas, dependendo do movimento do texto. Neste nosso estudo iremos ver cena após cena, tentando compreender Jesus como **Sinal de Contradição**. Uma das consequências disto que afirmamos sobre Jesus, isto é, de ser Ele “sinal de contradição”, é que sempre Ele chamará nossa atenção para algo, para uma palavra sua, para uma ação sua. E sempre, por mais que pensemos ser justos, Ele vai nos alertar para estar em comunhão com o Pai, com o seu Pai, como iremos ver nestes relatos.

Sugerimos que você **LEIA** os capítulos 22, 23 e 24 de Lucas antes de começar o estudo deste fascículo. São apenas três capítulos! E uma leitura inicial deles será importante para conhecer melhor o texto.

1º Ato

JESUS, O PERSEGUIDO

Lucas 22,1–46

O primeiro ato é o início do drama da Paixão e Morte de Jesus. Lucas nos faz compreender que as coisas já estão todas tramadas contra Jesus. Falta apenas um momento, uma situação de fragilidade, e uma pessoa para que a traição seja feita.

As sete cenas que veremos são a introdução deste drama tão marcante, no qual Jesus ocupa o centro. Chama a atenção que Jesus, depois da agonia no Monte das Oliveiras, passa a ser a calma em pessoa. Ele confia tudo ao Pai. Esta confiança é o sinal de seu amor sem limites a Deus.

Vejamos estas cenas que introduzem a Jesus e a nós no drama da Paixão e Morte de Jesus.

1ª Cena. 22,1–6

Trama para matar Jesus. Judas, o traidor

O Evangelho situa no tempo o fato que começa a narrar. Trata-se da proximidade dos Ázimos. Estes tais “Ázimos” são os pães sem fermento que eram comidos durante sete dias, a contar da festa da Páscoa. Curiosamente Lucas praticamente considera que Páscoa e Ázimos são a mesma coisa. Mas os dias dos Ázimos iniciava-se com a festa da Páscoa.

LEIA
Lucas 22,1–6

As autoridades religiosas judaicas, que Lucas identifica como sendo os sacerdotes e os escribas, desejam eliminar Jesus. Mas têm dificuldades, pois o povo está ligado em Jesus, na sua mensagem, na sua Pes-

soa. As autoridades precisam de alguém conheça os movimentos de Jesus e, quem sabe, o entregue. Alguém que “faça o trabalho sujo”. Este alguém apareceu: Judas, um dos discípulos.

Lucas nos informa que Judas procurou as autoridades. E nos diz que foi Satanás que entrou em Judas para que ele traisse Jesus.

Judas, então, procurou os chefes da guarda, que era a polícia do

Templo. Procurou também os chefes dos sacerdotes. Combinaram o preço, que Lucas não indica, ao passo que em Mateus 26,15 sabe-se que foram trinta moedas de prata.

Segundo o Livro do Êxodo 21,32, a quantia de trinta moedas era o preço de um escravo. Isto dá uma imagem trágica do que pensavam as autoridades judaicas sobre Jesus.

O MISTÉRIO DE JUDAS

Muito já se escreveu a respeito da traição de Judas. Por quê? O que Judas levou de vantagem? O que ele desejava? Não há uma resposta clara e, talvez, nunca haverá! Mas não dá para “desculpar” Judas, criando nele uma espécie de tolo, que nada havia entendido. A afirmação de que Satanás entrou em Judas é indicação de que ele foi preso pelo tentador. E pecou gravemente, entregando Jesus. Poderia, talvez, ter sido outro. Mas foi Judas...

2ª Cena. 22,7–18

A ceia pascal

E chegou o dia dos Ázimos, que podemos entender como sendo o dia anterior da Páscoa. O versículo 7 informa que naquele dia se “imolava a Páscoa”. “Imolar a Páscoa” significa sacrificar o cordeiro pascal.

Jesus manda Pedro e João para preparar a Páscoa. É interessante que estes mesmos dois apóstolos terão momentos importantes depois da Ressurreição de Jesus, no Livro dos Atos dos Apóstolos. Por exemplo, quando eles vão até o Templo para a oração, e curam um aleijado. Isto está em Atos 3,1–10.

Os apóstolos perguntam como devem preparar a Páscoa. Jesus indica os passos que eles deverão dar. Parece até que já está tudo combinado, o que não seria de se estranhar. De qualquer forma, não sabemos detalhes a respeito. Sabemos que eles deverão preparar tudo

LEIA
Lucas 22,7–18

em uma sala que, depois, será o cenáculo, onde os mesmos apóstolos serão tocados pelo Espírito Santo, na manhã do Domingo de Pentecostes. Lemos isso em Atos 2,1 e versículos seguintes.

EUCARISTIA OU ÚLTIMA TAÇA

Pode parecer, em uma leitura rápida, que há duas vezes a instituição da Eucaristia. Mas a primeira parte da ceia é uma espécie de despedida. A taça partilhada por Jesus nos versículos 17 e 18 é como a taça de despedida. Não é o sinal de seu testemunho, sua ação de graças que depois chamaremos de Eucaristia.

Naquela sala eles se reúnem e celebram a refeição pascal. Muito já se discutiu a respeito desta ceia. Alguns biblistas insistem em dizer que foi uma refeição pascal própria dos judeus, outros dizem que foi uma ceia diferente da refeição pascal. Parece mais que foi um jantar pascal, mas que teve outros desdobramentos. De fato, Lucas dá a entender estes desdobramentos, que são situações diferentes do que se esperava para aquela ceia.

Esta ceia foi marcada pela emoção. Vemos no versículo 14 Jesus dizendo que desejou muito partilhar aquela refeição, pois era como uma despedida. Ele marca esta despedida com uma taça de vinho, nos versículos 17 e 18.

3ª Cena. 22,19–20

A Eucaristia

Aqui está a instituição da eucaristia. Jesus faz o que todo cristão sabe e já fez em comunidade, como Jesus, em memória dele. Toma o pão, dá graças, parte e afirma que aquele é o seu Corpo. Depois toma o cálice e diz que que ele é o cálice da nova Aliança no seu sangue, derramado em favor dos seus discípulos.

LEIA
Lucas 22,19–20

EUCARISTIA: AÇÃO DE GRAÇAS

Jesus faz a "ação de graças". É este o sentido da palavra "Eucaristia". Ela vem do grego, mesma língua em que se escreveu o Evangelho de Lucas e o Novo Testamento. Eucaristia significa "ação de graças". Quando Lucas informa que Jesus "deu graças" ele indica que Jesus "fez eucaristia".

RELATO DA EUCARISTIA

Note-se que o texto de Lucas para a Eucaristia não é exatamente o que se usa na celebração da Eucaristia. O texto que se usa nas celebrações é tirado de 1 Coríntios 11,23–26. Mas a ideia, muito importante, de Aliança, está presente no texto de Lucas, como podemos ver no versículo 20.

4ª Cena. 22,20–22

O anúncio da traição

Estes poucos versículos trazem a amargura de uma traição. Jesus sabe da traição e indica que ela é grave. A reação de seus discípulos é de surpresa e até assombro.

LEIA
Lucas 22,20–23

NOVAMENTE O CASO DE JUDAS

Se Judas não tivesse traído Jesus, talvez outro discípulo, uma pessoa próxima, alguém o traíra. Podemos ter certeza que nem todos estavam a favor de Jesus. Judas, porém, não é um inocente útil nesta história. Não é uma vítima do destino. Ele traiu porque não entendeu seu Mestre. E isto continua hoje. Infelizmente.

5ª Cena. 22,24–34

Crise entre os Apóstolos. Pedro negará Jesus

Aqui temos um longo texto, e bem complicado. Depois de Jesus anunciar a traição da qual seria vítima, os discípulos ficaram perguntando quem poderia ser. É de esperar que isto pesasse sobre todos.

Mas no versículo 24 vemos, com surpresa, que os discípulos começam a discutir quem era o maior entre eles! É interessante que uma passagem muito parecida com esta nós encontramos no mesmo Evangelho segundo Lucas, em 9,46–48. Será que é uma repetição do mesmo fato, mas em dois momentos diferentes?

LEIA
Lucas 22,23–34

Vemos que Jesus, em outros lugares, chama a atenção da relação de autoridade e serviço que deve existir entre seus discípulos. Isto é o que podemos ler em Mateus 20,25–27 e Marcos 10,42–45.

Leia também
Lucas 9,46–48

O que é importante nisto tudo é que, entre os discípulos de Jesus, a autoridade deve ser serviço, testemunho, entrega. Não opressão, falta de liberdade, enganação.

Por outro lado, nos versículos 28 a 30, Jesus declara que os discípulos terão uma grande intimidade com Ele. Esta intimidade deve ser fruto da própria Eucaristia que eles deverão fazer entre si. É esta a Nova Aliança que se estabelece no seu sangue.

Logo em seguida, Jesus volta, subitamente, ao tema da traição. E se dirige a Pedro. Isto deve ter sido muito estranho, pois Pedro era

PEDRO E SUA IMPORTANCIA

A figura de Pedro é muito importante no Cristianismo. Isto se vê aqui, em outros textos dos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos.

A frase deste versículo 32, vai ser, praticamente, o sentido do serviço do sucessor de Pedro, que chamamos de Papa: *Quando, porém, te converteres, confirma teus irmãos*. A conversão é uma tarefa constante. Aqui não é uma conversão ética, de uma situação ruim e de pecado, para uma situação boa, de graça. É uma conversão de conceito. É estar convencido da Pessoa de Jesus.

É assim que Pedro e seus sucessores devem fazer: confirmar os irmãos. Para isso será sempre necessário estar convencido de Jesus, nele acreditar sinceramente, intensamente.

uma presença importante para os discípulos. Jesus se dirige especificamente a Pedro afirmando que ele, Pedro, foi “pedido por Satanás” (versículo 31). Isto é muito forte. Significa que Pedro poderia se desviar de Jesus.

A frase de Jesus que marca: *Quando, porém, te converteres, confirma teus irmãos* (versículo 32). Isto parece querer dizer que Pedro deve ser o líder, o ponto de encontro de todos. E deve confirmar aquilo que todos creem a respeito de Jesus.

Mas Pedro passará por uma grande prova! Isto é o que Jesus declara quando Pedro res-

ponde a ele, afirmando que estava pronto para seguir Jesus até a morte. Mas Jesus sabe que o ser humano é fraco. E diz aquilo que todos já conhecem: o galo irá cantar, mas antes Pedro terá negado Jesus três vezes (versículo 34). Isto é, sem dúvida, difícil de entender. O importante personagem Pedro negará Jesus, que sabe que isto acontecerá!

O que parece certo é que Jesus conhece o ser humano, sabe que as pessoas são generosas, mas também são frágeis, fracas. Pedro e os outros Apóstolos são sinais disto tudo. E é assim que a comunidade de Jesus será: grande no chamado feito por Deus, mas frágil na sua natureza, pois são humanos.

A Igreja é divina na origem e humana na realização. Ela é Mistério de Fé. E Pedro deve “confirmar os irmãos”.

6ª Cena. 22,35–38

Jesus, o rejeitado pelos seus

Esta série de palavras e de fatos deixou o grupo muito perturbado. Eles certamente não entendiam direito o que estava acontecendo, sentem-se talvez perdidos. A confusão entre o grupo é grande. Jesus tenta indicar a situação e sugere uma conclusão quando diz: *Pois eu*

LEIA
Lucas 22,35–38

vos digo, é preciso que se cumpra em mim o que está escrito: “Ele foi contado entre os iníquos”. Pois o que me diz respeito tem um fim (versículo 37).

Parece que Jesus indica, de modo não claro, que Ele próprio será confundido com os criminosos, que são os iníquos. Mas esta iniquidade ou esta confusão com a iniquidade terá um fim. Pode ser um fim no sentido de terminar a imagem da iniquidade. Pode ser um fim no sentido de tudo ter um motivo. Ou ainda no sentido de dar um rumo à história. De fato, Jesus dá o sentido à história conduzindo-a até o Pai. Sua Paixão e Morte é o caminho da Ressurreição.

7ª Cena. 22,39–46

Combate com o tentador. A decisão de Jesus

Colocamos esta cena, chamada também de agonia de Jesus, no final do primeiro ato da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. Ela dá a entender que Jesus aceitou, como homem, sua missão. Mas Ele também precisou escolher, passar pela prova da dificuldade, da insegurança, do medo de sofrer.

LEIA
Lucas 22,39–46

Em Lucas 4,13, no final da passagem da tentação de Jesus, lemos uma frase interessante. *Tendo acabado toda a tentação, o diabo o deixou até o momento oportuno.* Qual seria este “momento oportuno”?

Oportuno significa “favorável”, “fácil”, “possível”. Então seria um momento fácil para o diabo, um momento no qual ele poderia, com mais facilidade, fazer Jesus cair na tentação.

E qual momento mais oportuno seria este da fragilidade de Jesus perante sua paixão e morte tão próxima? É aqui que vemos Jesus na sua mais profunda angústia.

No versículo 39 Jesus se dirige até ao Monte das Oliveiras. Os discípulos, embora acompanhem Jesus, não estão perto dele, pois Ele se afasta. Diz Lucas que se afastou “um tiro de pedra” (versículo 41). Isto deve ser uns quinze ou vinte metros.

E neste momento Jesus entra em profunda angústia. Ele está perante si mesmo. E certamente Jesus tinha consciência de tudo o que estava acontecendo ao seu redor. Ele sabe que aquele era o momento decisivo: Ele poderia, talvez, fugir, deixar tudo para traz. Ou assumir tudo, ir para frente, fazer o Mistério acontecer.

TENTAÇÃO, ORAÇÃO, E A VONTADE DO PAI

Nisto tudo existe uma profunda sabedoria. Podemos expressar isto em três partes: A tentação na fraqueza; A oração como resposta; A oração como segurança.

[1] Tentação na fraqueza: Parece que é quando o ser humano está mais fraco que ele é vítima da tentação. Jesus está vivendo o drama humano do medo perante a dor e o sofrimento.

[2] A oração como resposta: No momento da fraqueza é necessário orar. Não é para deixar de orar quando se está triste, aborrecido pelo pecado. É naquele momento, o momento de fraqueza, que se deve mais orar.

[3] A oração contínua, não apenas em momentos de necessidade, mas sempre, é a segurança contra a tentação. Se a tentação vem mesmo, então é necessário preparar-se com a oração, com o tempo junto ao Pai. Podemos entender muita coisa aqui.

Lucas informa que Jesus fez uma oração. Nela, Ele diz: *Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!* (versículo 42).

Aqui acontece uma teofania, uma manifestação de Deus. Lucas afirma que um anjo apareceu perante Jesus e, de alguma forma que não foi indicada, este anjo consolava Jesus. Mas a angústia de Jesus continuava e Jesus, para controlar-se, para encontrar sentido em tudo, para aceitar a vontade do Pai ou por algum outro motivo, orava. Talvez o motivo de Jesus orar fosse o de encontrar, naquele momento no Pai, a segurança de sua entrega total.

Mas a angustia de Jesus persistia. Isto foi até o ponto dele suar sangue. Isto é uma reação humana a grandes momentos de angustia.

E depois disto tudo, como que por um “milagre”, Jesus se transforma. Ele se ergue, depois da oração, vai para junto aos discípulos, e os encontra adormecidos. Lucas diz que eles estão “adormecidos de tristeza”. Esta “tristeza” deve ser desânimo, depressão pela situação, como ela está se desenvolvendo. Parece que tudo está se perdendo...

Jesus, porém, está diferente. Parece que está confiante, decidido do que deve acontecer e do que Ele próprio deve fazer. Ele mesmo não caiu em tentação, mas sabe que a tristeza, desânimo e outras situações

humanas podem levar à desistência do bem, ao abandono da fé. Ele afirma: *Por que estais dormindo? Levantai-vos e orai, para que não entreis em tentação!* (versículo 46).

2º Ato

JESUS, SUA PAIXÃO E MORTE

Lucas 22,47—23,56

Este é o ato central de toda esta parte do Evangelho segundo Lucas. Aqui a contradição em Jesus é mais evidente. Ele é o Salvador, a Salvação. Mas é rejeitado, condenado, crucificado. Seus contemporâneos não entenderam sua Pessoa e Missão. Não entenderam seu Mistério. Se eles, que viviam no tempo de Jesus, foram incapazes de compreendê-lo, não admira que hoje muitos não o compreendam.

Talvez muitos homens e mulheres, em nossos dias, aceitem Jesus no que Ele tem de simpático, agradável e favorável. Ele pode ser um homem gentil, caritativo, que luta pelos mais fracos. Pode ser alguém que questiona as estruturas injustas. Isto tudo é bom de se ouvir. Mas quando Jesus coloca sua confiança no Pai, quando Ele faz da Palavra de Deus o sentido de ser e viver, isto não é agradável, pois pode parecer limitar as pessoas, suas vontades e caprichos.

Então Jesus será o grande sinal de contradição. Vamos ver este ato, o segundo: Jesus, na sua Paixão e Morte.

1ª Cena. 22,47—53

Jesus é preso

Jesus encontrou, mais uma vez, a vontade do Pai. No 1º Ato, na 7ª Cena, vimos que Jesus orou intensamente, pedindo para superar seu "cálice". Sabemos que este "cálice" é sua Paixão, seu sofrimento. Como todo ser vivo Jesus também tem medo do sofrimento, da morte. Mas Ele é mais, Ele é o Filho do Pai celeste. Orando ao Pai, intensamente, Jesus agora está pronto para o testemunho supremo de sua vida.

LEIA
Lucas 22,47—53

Chega uma multidão (versículo 47). Judas estava com ela, parece que estava até liderando a tal multidão. O discípulo, que devia ser um fiel, ao contrário, beija Jesus, saudando-o falsamente. Um sinal de amizade hipócrita, maligna. Na realidade é um sinal de traição. E Jesus, claro, sabia. E afirma: *Judas, com um beijo entregas o Filho do homem?!* (versículo 48).

Os discípulos de Jesus, que o acompanham nesta hora, esboçam uma reação. Lucas afirma que um deles feriu o servo do Sumo Sacerdote (versículo 50). Este fato está presente nas quatro narrações da Paixão de Jesus, mas somente em João 18,10 é que ficamos sabendo que este discípulo que feriu o servo do Sumo Sacerdote era Simão Pedro.

A confusão certamente foi enorme. De noite, em um ambiente aberto e sombrio, com luzes de tochas... Tudo isto causa uma imagem de espanto na nossa mente. E, no entanto, Jesus parece estar sereno. O questionamento que Ele faz demonstra uma notável segurança. Ele pergunta por que vieram pega-lo à noite, quando Ele estava tantas vezes no Templo, à luz do dia. No final, a conclusão do próprio Jesus: *Mas é a vossa hora e o poder das trevas!* (versículo 53).

Recordemos do episódio da tentação de Jesus, em Lucas 4,13: *Tendo acabado toda a tentação, o diabo o deixou até o tempo oportuno.* É agora o “tempo oportuno” para o diabo agir.

QUEM PRENDEU JESUS

A prisão de Jesus é um ato ordenado pela autoridade máxima entre os Judeus. Trata-se do Sumo Sacerdote, que naquele tempo era Caifás.

O Sumo Sacerdote e o Templo tinham uma força de polícia: o que se chama normalmente de “polícia do Templo”. São eles que prendem Jesus, não os soldados romanos.

Os romanos entrarão em cena depois que as autoridades judaicas condenarem Jesus. Eles não podiam sentenciá-lo à morte. Então procuram o poder romano. É assim que a história prossegue.

2ª Cena: 22,54–65

Pedro nega Jesus, que é torturado

Mais uma cena impressionante pelo drama humano que apresenta. Já ouvimos em Lucas 22,31–34 que Jesus predisse que Pedro o trairia. Mas aquilo ficou somente na memória. O perigo era iminente, mas havia ainda uma esperança de que tudo pudesse acontecer... Agora, aconteceu! Jesus foi realmente preso. E as perspectivas são muito negativas.

Lucas informa que Jesus foi levado para o Sumo Sacerdote, o que tem lógica, pois a polícia do Templo, sob a autoridade do Sumo Sacerdote, é que o prendeu. No versículo 55 lemos que as pessoas reunidas no pátio da casa do Sumo Sacerdote acenderam um fogo e estavam se aquecendo. E foi ali que uma mulher reconhece Pedro como um dos que acompanhavam Jesus (versículo 56). Pedro nega que seja companheiro de Jesus.

Depois, no versículo 58, é um homem que reconhece Pedro. E ele nega que é do grupo de Jesus. E, finalmente, em outra pessoa insistia: *Certamente este também estava com ele, pois é galileu!* (versículo 59). A isto Pedro, parece que com raiva, nega novamente: *Homem, não sei o que dizes!* (versículo 60).

LEIA

Lucas 22,54–65

O mais impressionante aqui é o encontro de olhares que Lucas propõe. Nos outros Evangelhos não há isto, mas aqui, em Lucas, depois do canto do galo, lemos: *...e o Senhor, voltando-se, fixou o olhar em Pedro. Pedro lembrou-se da palavra que o Senhor lhe dissera... E saindo para fora, chorou amargamente* (versículos 61–62).

Enquanto este drama pessoal, próprio de Pedro e Jesus, acontecia, os guardas da polícia do Templo, a serviço do Sumo Sacerdote, agrediam com violência a Jesus. Por quê?

PEDRO E JUDAS

Somente Judas traiu Jesus? O que fez Pedro também não é traição? Mas por que um fim tão diferente para um e outro?

Muita gente já pensou nisto e tentou responder. A pergunta deveria ser mais profunda, questionando os motivos de por que Judas traiu Jesus.

Parece que Pedro negou Jesus por medo de ser envolvido com Ele e acabar preso. Mas, e Judas?

O que parece claro é que Judas se desesperou depois de perceber o que havia feito. Pedro também percebeu sua negação, mas não caiu em desespero. Lucas diz que ele chorou amargamente.

Em Lucas não temos mais notícias de Judas. É em Mateus que sabemos que ele se enforcou, como lemos em Mateus 27,5. Em Atos dos Apóstolos Pedro recorda a traição de Judas, contando um fato curioso a respeito. Leia em Atos 1,15–19. Pedro, contudo, em Atos, não fala de sua própria traição.

Isto é parte do Mistério da Paixão de Jesus. Judas traiu e se desesperou. Então se enforcou. Pedro negou e percebeu o erro. Chorou e se arrependeu. Talvez isto seja muito simples, mas é uma solução.

As respostas podem satisfazer e podem decepcionar. É difícil encontrar um motivo claro para isto. O fato é que tais homens são muito semelhantes aos que, durante toda a história da humanidade, zombaram das verdades mais sagradas e importantes. Isto é parte do “mistério da iniquidade” (o que Paulo diz em 2 Tessalonicenses 2,7) que é o fato do pecado. Tudo isto acontece de noite, pois no versículo 66 afirma-se que fez-se dia. Então tudo o que veio antes foi de noite. É a confirmação da imagem das “trevas” que Jesus declara em 22,53.

3ª Cena: 22,66–71

Jesus perante o sinédrio

A noite foi para Jesus um tempo de tortura, de zombaria, de humilhações. De manhã, o Conselho se reuniu. É opinião da maior parte dos estudiosos que este Conselho é o Sinédrio. Dele faziam parte as autoridades máximas do Judaísmo. O que não significa que eram as mais justas e verdadeiras...

LEIA
Lucas 22,66–71

A pergunta que fazem a Jesus é se ele é o “Cristo” (versículo 67). É interessante que eles perguntem desta forma. Isto deve ser pelo motivo do Evangelho de Lucas ser dirigido de modo especial aos pagãos, que não têm grandes influências judaicas. Se o Evangelho segundo Lucas fosse dirigido aos Judeus a pergunta seria se Jesus era o “Messias”.

Jesus sabe que esta pergunta é maliciosa. Eles não querem saber a verdade, mas sim desejam ter um motivo para condená-lo. Então jogam como que Ele disse e buscam tirar proveito disso. Como Jesus não é ingênuo, responde de um modo direto: *Se eu vos disser, não acreditareis, e se eu vos interrogar, não respondereis* (versículos 67–68).

A situação é de decisão. Jesus vai além e afirma o que eles, do Sinédrio, não esperavam. Ele diz: *...desde agora o Filho do Homem estará sentado à direita do Poder de Deus!* (versículo 69). Este é um versículo de um Salmo, o Salmo 110, que é um chamado “salmo real”, que relaciona o Cristo a Deus.

MESSIAS OU CRISTO

São dois modos de falar da mesma pessoa. Messias vem do hebraico e Cristo do grego. Significa “ungido”, que podemos entender por escolhido, especial.

Este personagem é muito interessante. No início, a ideia de Messias ou Cristo estava ligada aos reis de Israel e Judá. Depois da queda do reino de Israel, em 720 aC., e de Judá, em 587 aC., a imagem de um personagem importante, decisivo, único na história foi jogada para o futuro.

É assim que nos tempos de Jesus havia um sentimento difuso na sociedade que o Messias ou Cristo estava para vir. Mas a maneira de imaginar este personagem era muito diferente de uns para outros. Jesus, seguramente, surpreendeu e até confundiu.

Os sinedritas, membros do Sinédrio, se exaltam e perguntam com força: *És, portanto, o Filho de Deus?* (versículo 70). Esta pergunta é curiosa. “Filho de Deus” aqui é uma espécie de sinônimo para Cristo, para escolhido de Deus. Não podemos dizer ainda Filho de Deus como dizemos que Jesus é Deus igual ao Pai. É uma proximidade absoluta com Deus, um representante de Deus, o verdadeiro Messias ou Cristo.

Como Jesus sabia que o que eles desejavam não era conhecer a verdade, mas encontrar motivos para condená-lo, Ele confirma o que disse a partir da palavra deles: *Vós dizeis que eu sou!* (versículo 70). É um modo de dizer hebraico, colocando na afirmação do outro o que se deseja dizer.

O resultado não podia ser mais explosivo. Todos se levantam e, ao que parece, o acusam de blasfêmia, pois se fez próximo de Deus. Isto é muito estranho. Como todos os Judeus, eles esperavam o Messias, o Cristo. Mas eles rejeitam a Jesus como Messias. Por quê? Talvez porque Ele não seja o Messias ou Cristo do jeito que desejavam...

É preciso agora estar mais atento no desenvolvimento do drama que estamos assistindo. Os Judeus acusam Jesus e o condenam porque se disse Cristo, Filho de Deus. Mas os judeus não podem condenar ninguém à morte. Isto era direito dos romanos.

Então eles levam Jesus até a autoridade romana, Pilatos. E apresentam outros motivos para a condenação de Jesus. Motivos que podiam impressionar Pilatos, pois dizer que Jesus se afirmava como Cristo não iria convencê-lo.

4ª Cena: 23,1–7

Jesus perante Pilatos

Diz Lucas que a multidão se levantou e conduziu Jesus a Pilatos (23,1). Não podemos pensar em uma grande multidão, mas sim um grupo grande. Não podemos também pensar que era todo o povo Judeu. Isto seria um erro de interpretação enorme. Consideremos que fossem os sinedritas, e nem todos, mais alguns notáveis e influentes da sociedade.

LEIA Lucas 23,1–7

Pilatos recebe Jesus e seus acusadores. Eles afirmam que Jesus cria confusão no povo, mandando que não se pague impostos a César, o rei de Roma.

Afirmam também que Jesus se declarou “Cristo Rei” (versículo 2). Como vimos no texto, Jesus não se declarou “Cristo Rei”, mas aceitou ser reconhecido como Cristo e se colocou ao lado de Deus.

Mas o que interessava aos Judeus era fazer de Jesus algo parecido com um rei, pois assim a autoridade romana, Pilatos, podia dar atenção para o caso e até condenar Jesus. De fato, o Imperador era o dominador, Roma era a autoridade política. Fazer-se rei era opor-se a tudo isso. Era crime!

PILATOS E ROMA

Pilatos era a autoridade romana, chamada “prefeito” ou “governador”. Não era a mesma coisa que hoje, como os nossos governantes. Ele representava o Imperador, o todo-poderoso de Roma. Ele governava em nome do Imperador e tinha uma autoridade absoluta: política, militar e judicial. Tinha também autoridade religiosa em grande medida, mas não na Judeia, que era a pátria dos Judeus. Lá a situação era tão complicada que o Prefeito ou Governador Romano não podia intervir nos assuntos religiosos. Mesmo assim, ele mantinha o controle da religião. E fazia isto de um modo simples: controlava consigo as roupas litúrgicas do Sumo Sacerdote. Fazendo assim ele determinava o que se podia e quando se podia fazer os cultos. Os Judeus e, de modo especial, as autoridades dos Sacerdotes do Templo, tinham que respeitá-lo e obedecê-lo por força.

JESUS, CRISTO E REI

Naquela ocasião, Jesus manda que busquem o jumentinho, em Lucas 19,30–31. Eles não precisam “pedir”, mas sim podem ir e, simplesmente, “pegar” o jumentinho. Se alguém perguntar por que fazem aquilo, a resposta é: *O Senhor precisa dele!* (versículo 31). Jesus exerce o direito do rei, que podia requerer a montaria que desejasse. Ele está dando os sinais de que é o Cristo Rei!

Quando Jesus entra em Jerusalém montado no jumentinho, as pessoas colocam suas roupas para que Ele passe. E clamam: *Bendito aquele que vem, o Rei, em nome do Senhor!* (versículo 38). Alguns fariseus percebem o que está acontecendo e pedem para que Jesus desaprove isto tudo. Mas Ele afirma: *Eu vos digo: se eles se calarem, as pedras gritarão!* (versículo 40).

É mais do que claro que Jesus tem consciência que é o Cristo Rei. Embora Ele nunca tenha afirmado diretamente isso, Ele dá os sinais de que assume esta Missão. As autoridades judaicas entendem. E o acusam para Pilatos. Tentam levar Jesus à condenação de todos os modos. Mas Pilatos não se convence facilmente. Na realidade, parece que Pilatos tem prazer em irritar os judeus, especialmente as autoridades!

A questão é realmente complicada. Jesus nunca declarou ser Cristo e Rei. Mas, quando Ele entrou em Jerusalém montado em um jumentinho, realizou um sinal do Messias Rei. Entrar em Jerusalém deste modo era, na mentalidade das pessoas, um sinal de que o Messias ou Cristo Rei havia chegado. Era uma expectativa muito difundida e Jesus assume, de modo claro, o que se esperava dele. Ele se mostra Cristo Rei. O que, seguramente, preocupa as autoridades que dependem de Roma e a própria autoridade romana, que na época era Pilatos.

LEIA
Lucas 19,28–40
E a caixa de texto
anterior

Pilatos dirige-se a Jesus e lhe pergunta: *És tu o rei dos judeus?* (23,3). Era no sentido religioso que Pilatos entendia esta pergunta, não no sentido político. Certamente Jesus não tinha a aparência de um grande perigo para o Império. Pilatos sabia que as autoridades queriam é prejudicar Jesus.

Jesus respondeu a Pilatos de modo semelhante ao que havia dito antes, às autoridades dos judeus: *Tu o dizes!* (versículo 3). E Pilatos entende que aquilo é uma espécie de cilada para ele: os judeus querem se livrar de alguém e jogam com ele, o prefeito da Judeia, com poderes judiciais.

Lucas mostra que Pilatos está em uma situação complicada. Mas são os próprios judeus que solucionam, pelo menos no momento, a questão. Eles lembram que Jesus veio da Galileia, anunciando o seu Evangelho. Imediatamente Pilatos sabe que saída tomar: sendo Jesus da Galileia, era responsabilidade política de Herodes, filho de Herodes o Grande, que havia mandado matar crianças tentando matar Jesus, como nos conta Mateus 2,13–18.

Pilatos manda Jesus para Herodes, que estava em Jerusalém para as festas da Páscoa.

HERODES, TETRARCA DA GALILEIA

Este é o Herodes Antipas, filho de Herodes o Grande, como dissemos. Governou entre 6 a 36 d.C., um longo período, portanto. Ele não era rei, mas “Tetrarca”, isto é, governante de uma quarta parte da nação. Ele governava a Galileia, mas dependia de Roma. E Pilatos era a autoridade romana.

5ª Cena: 23,8–12

Jesus perante Herodes

Herodes não é um rei como deveria ser. Nem poder de rei ele tinha. Mas não deixava de usar o título para obter as vantagens que um rei poderia ter. Uma corte, serviços, diversões, etc. Isto tudo deve ter criado nele, que no seu tempo foi muito rico, mais indolência do que desejo de liderar, construir e criar condições para ser, quem sabe, que-

rido e amado pelo seu povo. Pelo contrário, este Herodes, filho de Herodes o Grande, não passava de uma sombra de seu pai. Mesmo assim, tinha muitos de seus defeitos, próprios de um nobre decadente.

LEIA
Lucas 23,8–12

Este Herodes é apresentado por Lucas como um homem cheio de más ações. Ele indica em 3,19–20: *O tetrarca Herodes, admoestado por causa de Herodíades, mulher de seu irmão, e por causa de toda as más ações que havia cometido, acrescentou a tudo ainda isto: pôs João na prisão.*

Lucas, infelizmente, não narra o drama enfrentado por João Batista naquela ocasião. Ao invés, Mateus apresenta em 14,3–12, o fato da morte de João a mando de Herodes. Tudo em uma festa de seu aniversário, certamente depois de muitos copos com bebida e incentivado por Herodíades.

LEIA também
Mateus 14,3–12

Jesus é mandado até Herodes que estava em Jerusalém. Este o recebe com curiosidade fútil. Queria ver milagres, colocava Jesus em ridículo. Lucas informa que, durante esta presença com Herodes, os chefes dos sacerdotes e os escribas estavam presente e atacavam Jesus.

O tetrarca Herodes despreza Jesus, pois este não havia feito nada para alimentar sua fantasia. Faz que Jesus seja vestido com uma roupa de príncipe, para zombaria. Depois o manda a Pilatos. Diz Lucas que, com este gesto, Pilatos e Herodes tornaram-se amigos, pois antes eram inimigos (versículo 12). Uma amizade criada sobre a maldade.

6ª Cena: 23,13–19

Jesus novamente perante Pilatos. Barrabás

Jesus está perante Pilatos, novamente, e isto não é nada bom. O governador não sabe o que fazer com Jesus, pois não vê nele perigo, como queriam dizer seus acusadores. Pilatos diz claramente: *"Vós me apresentastes este homem como agitador do povo. Ora, eu o interroguei diante de vós e não encontrei neste homem motivo algum de condenação...."* (23,14).

LEIA
Lucas 23,13–19

Não devemos imaginar que Pilatos seja um homem bom, compreensivo e tolerante... Não! Pôncio Pilatos é um soldado ambicioso, desejoso de crescer na carreira. Estar na Judeia não é exatamente uma grande vantagem para alguém como ele.

Um episódio citado em Lucas 13,1 indica como devia ser o temperamento de Pilatos. Lemos assim: *Nesse momento, vieram algumas pessoas que lhe contaram o que acontecera com os galileus, cujo sangue Pilatos havia misturado com o das suas vítimas.* Não sabemos realmente o que aconteceu, mas tudo leva a entender que Pôncio Pilatos,

governador da Judeia, havia agredido um grupo de pessoas que, de alguma forma, enquanto ofereciam um sacrifício no Templo, tinham incomodado o controle romano. Pilatos não teme massacrar quem pode criar dificuldades para ele.

Quando Pilatos parece que deseja “salvar” Jesus, é mais correto entender que Pilatos deseja irritar e provocar as autoridades.

Pilatos tem a ideia de oferecer uma saída para

o impasse que se criou. De fato, eles apresentavam um acusado e ele, exercendo a autoridade de juiz, não via motivos para tal acusação. Então, ele oferece a possibilidade de soltar o prisioneiro em função das comemorações da Páscoa. Parece que aqui Pilatos erra de modo grosseiro. Ele propõe uma escolha dos judeus lá presentes: ou Jesus, ou um tal Barrabás. Segundo Lucas 23,19, este Barrabás *...havia sido preso por um motim na cidade e por homicídio.* E é a ele que as autoridades judaicas escolhem.

SOBRE LUCAS 13,1–5

Este episódio que citamos nesta cena e que está em Lucas 13,1–5, embora não faça parte de nosso assunto, é interessante de ser considerado.

Depois da citação do massacre feito por Pilatos sobre os galileus, Jesus cita um incidente: a Torre de Siloé, supostamente em Jerusalém, teria desabado e matado 18 homens.

Jesus usa estes dois fatos para alertar: *...se não vos converterdes, perecereis do mesmo modo* (Lucas 13,2). Ele lembra: *pereceremos do mesmo modo, isto é, como aqueles morreram, também nós morreremos.* E como estará nossa consciência, nosso espírito, na hora decisiva de nossa vida? Estaremos em paz e na graça? Por isso, atenção!

7ª Cena: 23,20–25

Jesus, condenado à morte

E Pilatos está novamente com o problema Jesus nas mãos. Os judeus presentes gritavam: *Crucifica-o! Crucifica-o!* (23,21). Então Pilatos pergunta, pela terceira vez: *Que mal fez este homem? Nenhum motivo de morte encontrei nele! Por isso vou soltá-lo depois de o castigar* (23,22).

PILATOS E JESUS

Aqui, em Lucas, a primeira vez que Pilatos pergunta o que havia feito Jesus e que ele não via nele culpa foi em Lucas 23,4. A segunda vez foi em 23,14. A terceira vez é esta, em 23,22. Também no Evangelho segundo João parece que Pilatos não deseja condenar Jesus.

LEIA Lucas 23,20–25

A “justiça” de Pilatos é estranha: se ele não encontra motivo de morte em Jesus,

por que castiga-lo? Talvez pensasse que, fazendo assim, traria um pouco de calma àqueles que estavam lá, fazendo pressão para que Jesus fosse condenado. Se era esta a intenção, não deu certo, pois eles queriam a condenação de Jesus. Lucas afirma em 23,24–25:

Então, Pilatos sentenciou que se atendesse ao pedido deles. Soltou aquele que fora posto na prisão por motim e homicídio, e que eles reclamavam. Quanto a Jesus, entregou-o ao arbítrio deles.

Este “arbítrio deles” era a crucificação! Assim Jesus é mandado à morte.

A CONDENAÇÃO E MORTE DE JESUS. POR QUE?

Por que a morte de Jesus? Qual o sentido disto, deste sofrimento enorme? Notem que quando Pedro responde que não conhece Jesus, em Lucas 22,57-58 e 60, ele estava, parece, falando a verdade. Sim, ele não conhecia **aquele** Jesus. Ele conhecia o Jesus que se transfigurou, o Jesus que liderava multidões, que fazia milagres, até ressuscitava mortos; Pedro conhecia um Jesus que perdoava pecadores e respondia à altura quando era afrontado por isso e muito mais. Mas... Aquele Jesus que ele via parecia outro: não reagia, deixava que mentiras fossem ditas, não respondia a ultrajes, não defendia seus pontos de vista... Era um estranho.

Jesus não é uma vítima de um engano... Não é um inocente que se deu mal... Ele sabia muito bem o que iria acontecer-lhe, pois havia declarado que o seu futuro seria a cruz a morte. Em Lucas 9,22, em 9,44–45 e 18,31–34 Jesus anunciou isto tudo. Mas parece que seus ouvintes... não o ouviram! Ou não queriam ouvir, entender.

A paixão e morte de Jesus é um fracasso enorme. Uma proposta de vida que deu errado, pois não foi legitimada pelas autoridades nem foi observada pelos seguidores de Jesus. Mas não devemos condena-los, pois como vimos com Pedro, eles devem ter-se sentido perdidos com tudo aquilo.

A paixão e morte de Jesus, podemos dizer de um modo não muito teológico mas prático: é o modo de Deus recuperar a liderança da situação. Na imagem do Gênesis 3,1–7 vemos o relato do pecado original. Às vezes fica difícil de entender o que é o tal “pecado original”. O que ele é? Podemos dizer duas coisas: desobediência a Deus e ambição de ser Deus.

Querer ser Deus é o que significa o “fruto da árvore que está no meio do jardim”, de Gênesis 3,2, e que os seres humanos, no paraíso, desejam e comem, em 3,6–7. A desobediência é incentivada pelo tentador, representado nesta imagem mítica do paraíso pela serpente, como lemos em Gênesis 3,1 e 4. Ela leva os homens a pecar, eles pecam desobedecendo a vontade de Deus.

Este é o sentido do pecado original, isto é, o que dá origem a todos os demais pecados. Desobedecer a Deus querendo ser Deus! Para esta ofensa, sacrifícios de animais ou ofertas humanas não restabelecem a comunhão, pois são atos imperfeitos, limitados. Somente uma obediência absoluta resgata a desobediência. Então Deus se faz homem para realizar, Ele mesmo, o resgate do ser humano.

É isso! Deus se fez homem em Jesus e é Ele mesmo que, como homem, como os pecadores, se oferece em um ato de total obediência ao Pai. Não é apenas o homem Jesus que é condenado à morte e, de fato, morre. É Deus que morre, pois Jesus é Deus. Deus restabelece, em Jesus, que tem a natureza humana, a dignidade original do ser humano. Se o homem se desvia, sempre, da vontade de Deus, desobedecendo e querendo ser Deus, estar no lugar de Deus, Jesus, por sua vez, vive e morre como o homem perfeito.

É por isso que, nas representações sagradas que se chamam de ícones, muito comuns nas Igrejas do Oriente, como a Igreja Russa, a Greco-Melquita, e outras, os sinais são muito eloquentes.

Há no ícone da natividade ou do nascimento de Jesus, Maria, deitada, sobre uma toalha, outros personagens e o menino recém-nascido. Ele está enrolado em faixas, como afirma Lucas 2,7. Ao seu lado estão alguns animais que têm o seu significado. Não o veremos agora, mas quando for oportuno. É atrás do menino Jesus que está algo interessante: uma gruta, profunda, escura. É o seu túmulo! Sim, o futuro sepulcro de Jesus, aberto e vazio.

Quem olha este quadro sacro deve entender que aquele mesmo que nasce no Natal irá morrer de modo brutal. Mas estará sempre na comunhão com Deus. E irá superar a morte, a perdição eterna, com a ressurreição.

Quando Jesus é tentado, o Diabo, que é o tentador, quem desvia do caminho de Deus, insiste que Jesus não faça a vontade do Pai, mas sim dele, que é o mal. Jesus resiste, pois onde os homens caem, pela fraqueza, Jesus, que é homem e é Deus, deve ser forte e, com forças humanas, permanecer na vontade do Pai, obedecendo a Ele.

Em Jesus, Deus nascido como homem, que o homem pode encontrar Deus. Somente Deus feito homem pode acontecer o restabelecimento da comunhão do homem com Deus.

As pessoas normalmente se emocionam com os sofrimentos de Jesus, revividos em teatros de sexta-feira santa. Alguns desses teatros são superproduções! Mas eles são o que são: teatros! Não são a **Memória** da Paixão e Morte de Jesus. A Memória é feita na Liturgia, com a proclamação da Palavra de Deus. A Eucaristia é o melhor lugar para celebrar a Paixão, a Morte e a Ressurreição de Deus. Por isso é que exortamos a todos que dediquem-se a isto todos os Domingos e nos grandes momentos de celebrações anuais, como a Páscoa, o Natal, a Ascensão de Maria. etc. E lembrem-se: tudo começa com a obediência de Jesus ao Pai!

8ª Cena: 23,26–32

Jesus no caminho com a cruz

Condenado à morte, Jesus deve ser levado até o lugar da execução. Este é o caminho da cruz ou a *Via Crucis*, ou “via sacra”, como muitas vezes se diz.

LEIA
Lucas 23,26–32

Em Lucas este caminho tem duas presenças. Primeiro, certo Simão de Cirene, chamado também em algumas Bíblias “Simão Cireneu”. O quê este homem tem a ver com Jesus, condenado à morte? Absolutamente nada! Mas, sem querer, ele entra na história mais importante do mundo. Ele faz o que Jesus, antes, havia dito e valorizado: *Quem não carrega sua cruz e não vem após mim, não pode ser meu discípulo* (Lucas 14,27).

SIMÃO CIRENEU

Existe em Marcos uma afirmação curiosa, quando se fala de Simão Cireneu. O texto é assim: *E levaram-no para fora para que o crucificassem. Requisitaram um certo Simão Cireneu, que passava por ali, vindo do campo, para que carregasse a cruz. Era o pai de Alexandre e de Rufo* (Marcos 15,20–21).

Do jeito que Marcos indica, parece que seus leitores conheciam os tais Alexandre e Rufo. Em Romanos 16,13 Paulo manda uma saudação especial para um tal Rufo, que ele chama de “eleito do Senhor”. E acrescenta a mãe de Rufo, sem dizer seu nome. A tradição sempre entendeu que este tal Rufo, conhecido de Paulo e morador de Roma, é o tal Rufo, irmão de Alexandre e filho de Simão Cireneu. A afirmação “eleito do Senhor” parece indicar isto.

Tudo isto nunca poderemos saber com certeza, mas o que é certo é a grandiosidade e a honra absoluta do ato de Simão Cireneu em carregar a cruz de Jesus. Também nós, como batizados, podemos e devemos nos sentir honrados em carregar com o Senhor a cruz. E não fugir dela! É somente pela cruz e pelo Crucificado que vem a Salvação, a vida verdadeira.

A outra presença é a das mulheres de Jerusalém, que são citadas nos versículos 28 a 30. É difícil pensar que Jesus tenha tido ânimo e forças para falar com estas mulheres, durante o duro caminho, com o peso da cruz. O que podemos entender é que Lucas tenha inserido este episódio. Talvez aquelas mulheres que acompanhavam Jesus desde a Galileia, citadas em Lucas 8,1–3, estivessem, com outras, vendo todos os acontecimentos. Sem poder fazer nada, elas choravam.

Jesus pode ter olhado para elas e se emocionado com o sofrimento. Então Lucas acrescentou estas palavras de Jesus. É como se Lucas tivesse interpretado os sentimentos de Jesus.

Jesus se refere aos sofrimentos da destruição do Templo, no ano 70 da nossa era. Lucas escreve seu Evangelho depois deste ano. Portanto, o que Jesus diz, no texto de Lucas, iria mesmo acontecer. É uma espécie de “profecia”.

9ª Cena: 23,33–34

Jesus crucificado

A crucifixão de Jesus é algo absurdo. Um justo, um homem absolutamente reto, condenado à morte e executado em meio a dois criminosos. Isto seguramente causou muito embaraço para os discípulos de Jesus. Não somente no momento da crucifixão, mas também depois.

A lembrança desta execução era difícil de ser explicada. Ela é também difícil de ser compreendida hoje, nos assusta, nos emociona e nos confunde. São Paulo, contudo, afirma em 1 Coríntios 1,22–25:

LEIA
Lucas 23,33–34

Os judeus pedem sinais, e os gregos andam em busca da sabedoria. Nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gregos é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.

Lucas nos informa que Jesus foi crucificado em um local chamado “Caveira” (versículo 33). Só o nome já dá a entender que era um lugar marcado pela morte e o sofrimento que a antecede. Mas pode ser também algum local em forma de crânio. É comum a descrição deste local como sendo ligeiramente elevado em relação ao redor, uma espécie de pequeno monte. E podia ter um formato redondo, com um corte em ângulo na frente, como uma caveira.

De um jeito ou de outro este é o fim aparente de Jesus: ser colocado na cruz e lá morrer como criminoso.

A MORTE DE CRUZ

A morte na cruz era a prática de execução dos romanos mais difundida. Os não romanos eram crucificados. Isto acontecia em público, no local mais visível possível. Era comum que fosse nas estradas, perto das portas das cidades. Assim todos poderiam ver e conhecer o destino de quem fosse de ser contra a força e a ordem do império romano. Era comum que um crucificado ficasse até dias na cruz. Se ele fosse apenas amarrado, não teria morte rápida, mas lenta. O condenado era crucificado nu, para poder ser também humilhado moralmente.

Depois de morto os cadáveres não eram retirados, podendo ser devorados pelos animais ou aves de rapina. Coisa rara era alguém pedir o corpo de um morto na cruz. Isto aconteceu com Jesus, como sabemos por Lucas 23,50–54.

Os dois criminosos são como que uma moldura para Jesus, na cruz. Ele se identifica, até no último instante, com os últimos dos últimos, para resgatar a todos do pecado, na desobediência ao Pai.

A afirmação de Jesus, em forma de oração, é significativa. Lucas indica que, na cruz, Jesus afirma, pedindo: *Pai, perdoa-lhes. Não sabem o que fazem!* (Lucas 23,34). O que Ele queria dizer? Muitas coisas: Os homens não sabem o que fazem, não sabem a repercussão de seus atos; os homens não enxergam a generosidade, a verdade e a justiça onde elas estão, realmente; os homens fogem da verdade de sua própria natureza de criaturas e desejam ser deuses, desejam determinar o que é certo e errado conforme seus caprichos... E por aí vai.

Mas pode ser também o mais imediato: aqueles que crucificavam a Jesus não sabiam o que faziam. Eram também eles vítimas de sua ignorância, de seu próprio pecado. Eles não sabem o que fazem. Pensam que sabem, mas são estúpidos. Por isso não podem ser acusados de erro, de crime. Na cruz Jesus, Deus feito homem, exerce a Misericórdia!

10ª Cena: 23,35–43

Jesus, a maldade e o perdão

Este ato, também chamado de Paixão e Morte do Senhor, está chegando ao final. A cena agora é intensa, provoca reações em quem lê e busca modelos de vida e modos de pensar. Podemos identificar dois

momentos para esta cena. Primeiro, os ultrajes dos quais Jesus é alvo; segundo, a reação dos ladrões, os dois criminosos que estão ao seu lado. Vejamos cada uma destas partes.

1º – A maldade dos chefes e o perdão de Jesus: 23,35–38.

Aqui vemos, em poucas linhas, os agentes deste momento dramático da história. Vamos elenca-los com números, para compreender seu sentido:

LEIA

Lucas 23,35–43

[1] O povo. Ele está lá, simplesmente olhando. O que Lucas parece querer dizer com isso que este povo não concorda com o que está acontecendo.

O povo seguia Jesus, queria-o bem, sabia que Ele era especial. Pode ser que não entendesse sua mensagem, seu Evangelho, mas compreendia suas ações, sua justiça, sua bondade, a verdade de seus atos. Este povo parece impotente, não pode fazer nada, senão, olhar...

[2] Os chefes. Estes zombam de Jesus. E usam vários argumentos maldosos, maliciosos: *A outros salvou, que salve a si mesmo, se é o Cristo de Deus, o Eleito!* (Lucas 23, 35). Os chefes falam de “salvação”, de “Cristo”, de “Eleito”. Estes conceitos ou ideias são importantes para compreensão da Missão e da Pessoa de Jesus.

Estes “chefes” são as autoridades judaicas, os que sabiam ou poderiam saber o que estava acontecendo. Parece que eles sabem: entregaram quem, no pensamento deles, fazia oposição a eles. Na realidade, Jesus já havia afirmado, há pouco, “eles não sabem o que fazem”. Eles realmente não sabem o que estão fazendo nem com quem estão fazendo. São ignorantes, objetos nas mãos do pecado.

[3] Os soldados. Este é um grupo que, no fundo, também são vítimas da situação. Fazem por que têm de fazer e estão lá, obrigados a uma tarefa desumanizante. Eles caçoavam de Jesus, segundo 23,36 e, no versículo seguinte, oferecem a Ele vinagre, que segundo o senso comum era um anestésico.

Mas parece que a afirmação que fazem, em tom de desafio e zombaria, é uma declaração profética: *Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo* (Lucas 23,37). Para completar o quadro, Lucas indica que havia a famosa placa ou inscrição, acima de Jesus: *Este é o rei dos judeus!* (versículo 38).

Notem que esta afirmação é feita com maldade e malícia, e, no entanto ela tem três sentidos que são plenamente verdadeiros.

a) A inscrição é a declaração do que os chefes menos queriam que se aplicasse a Jesus. De fato, este “rei dos judeus” era também o Cristo, o Enviado do Pai, o Eleito de Deus, como os próprios chefes afirmaram com ironia mortal.

b) Esta afirmação vem de encontro às ações de Jesus desde sua entrada em Jerusalém, quando ele tomou um jumentinho e nele montou. Lemos isto em Lucas 19,28–34. Ele exerceu o direito do rei, que podia requisitar qualquer montaria do reino para si. E foi o que Jesus

fez. Logo na entrada de Jerusalém Ele é recebido com vestes sobre o chão, para que passe por cima, em uma procissão triunfal. Era a entrada do rei na sua cidade. Lucas afirma que a multidão dos discípulos e os demais aclamavam: *Bendito aquele que vem, o Rei, em nome do Senhor!* (Lucas 19,38). Claramente eles aclamam Jesus como rei. É o povo, os pobres, os simples, os discípulos, os que seguiam a Jesus e o reconheciam como alguém especial. Assim a inscrição sobre Jesus, na cruz, está certa: aquele era o Rei dos judeus, de fato!

c) Por ironia absoluta da história, os soldados romanos crucificam o que será, para a cultura e civilização romana, a salvação. Sim! É até interessante fazer ou pensar em uma fantasia: se os soldados que crucificam Jesus e dele zombam grotescamente pudessem ver o futuro, ficariam estupefatos em saber que, três séculos depois destes fatos, Roma, a cultura romana, a língua, as instituições, o modo de ser, tudo isso seria salvo pelo Cristianismo. E o Cristianismo estava nascendo naquele momento, com a Paixão e Morte de Jesus. Desta forma, o Rei dos judeus passaria a ser, também, o Rei dos romanos.

2º – Os ladrões ao lado de Jesus: 23,39–43. Aqui também temos um momento dramático e emocionante. Este episódio nós o encontramos assim, na sua beleza e profundidade, somente em Lucas. Em Marcos e Mateus nós lemos:

Marcos 15,27: *Com ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita, o outro à sua esquerda.* 15,32: *E até os que haviam sido crucificados com ele o ultrajavam.*

Mateus 27,38: *Com ele foram crucificados dois ladrões, um à direita, outro à esquerda.* 27,44: *E até os ladrões que foram crucificados junto com ele, o insultavam.*

Em João não encontramos nada a respeito. Mas em Lucas os ladrões dialogam e um deles tem um encontro, “de última hora”, se assim podemos dizer, com Jesus.

Um dos ladrões agride a Jesus, partindo do fato de que, se Ele é o Cristo, pode salvar a todos daquela situação. Ele não entende a missão de Jesus! O outro repreende ao primeiro, afirmando que ele não teme a Deus. De fato, eles são criminosos, merecem o castigo. Mas Jesus, que mal fez? Na última hora, antes da morte, este ladrão humildemente reconhece Jesus como rei — *Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com teu reino* (Lucas 23,42). A resposta de Jesus não poderia ser melhor: *Em verdade eu teu digo: hoje estarás comigo no Paraíso* (versículo 43). Jesus realiza, na cruz, as parábolas da misericórdia, que podemos ler em Lucas 15,1–32.

Esta é a última ação de Jesus: Ele salva, na cruz, alguém que a Ele se dirige procurando compaixão. E Ele responde com misericórdia.

11ª Cena: 23,44–49

Jesus, morto

Lucas informa que houve trevas sobre a terra toda, desde a sexta hora, que é o nosso meio dia, até a nona hora, três horas da tarde. Claro que esta expressão “toda terra” deve ser entendida como uma hipérbole, isto é, um exagero proposital.

<p>LEIA Lucas 23,44–49</p>

Mas as trevas estão em oposição à luz, à claridade que o Messias, Jesus, veio trazer. Lucas chega a dizer que o sol desapareceu (versículo 45).

Isto para descrever a situação de negação de todas as coisas positivas, boas, agradáveis que existem no mundo. Isto tudo pode ser negado se não houver a presença do Jesus, o Cristo.

Em Mateus e em Marcos vemos Jesus gritando em desespero pela morte, e a seguir morrendo. Em Lucas vemos Jesus gritando e entregando o espírito. Este “grito” não é de desespero ou dor, antes é de confiança:

Jesus deu um grande grito: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito!” (Lucas 23,46). O grito de Jesus pode ser o último espasmo antes da morte. Se for assim, ele acontece em comunhão com o Pai, pois é ao Pai que Jesus se dirige.

Lucas informa: *...o véu do Santuário resgou-se ao meio...* (23,45). Isto é um símbolo, um modo de dizer que os costumes antigos passaram. O “véu do Santuário” era uma cortina que separava uma grande sala em duas partes desiguais. A primeira sala, a maior, antes do véu, era o Santuário do Templo de Jerusalém. Lá se ofereciam sacrifícios de incenso e pães. Este véu separava a primeira sala da segunda. Na segunda, sem janelas, sem portas, havia a presença de Deus. Era ali o lugar onde Deus habitava na terra. Era o chamado “Santo dos Santos”, ou “Santíssimo”.

Neste segundo ambiente, o Santo dos Santos, não havia móveis nem pessoas podiam ali entrar e permanecer. Havia apenas uma presença invisível, densa, marcada pela certeza de que ali Deus tocava o chão, a história. Antes da invasão romana por Pompeu, no ano 63 aC., lá estava a Arca da Aliança, com os sinais da Aliança.

Ainda hoje, embora não exista mais o Templo de Jerusalém e sobre o local em que ele estava há agora uma mesquita, o local ainda é reverenciado como lugar de Deus. Curiosamente as três religiões mono-teístas reconhecem aquele lugar como uma referencia fundamental.

O Cristianismo, porém declara que, no antigo Templo de Jerusalém, o véu se rompeu. O que significa que começou uma ordem nova. Não mais a ordem do Antigo Testamento, a Aliança antiga. Mas uma nova ordem: a de Cristo, aberta a toda a humanidade, a todos os povos. Nele, que foi crucificado, o ser humano pode encontrar a vida e a esperança.

Lucas 23,47-49 apresenta em poucas linhas alguns pontos importantes.

[1] Um centurião, que era um soldado romano de prestígio, um oficial como poderíamos dizer hoje, declara, depois da morte de Jesus: *Realmente este homem era um justo!* (versículo 47). Esta palavra pode significar muitas coisas.

a) Pode ser “justo” no sentido de não ter cometido crime, ter sido condenado erradamente e sido castigado por coisas que não fez;

b) Pode ser “justo”, pois cumpriu sua missão, foi coerente até o fim com sua palavra e seu modo de ser e agir.

c) O “justo” pode referir-se à união com Deus, do qual procede toda justiça que por sua vez é a resposta do homem fiel a Deus.

d) Pode ser “justo” como o “servo sofredor”, de Isaías 52,13—52,12, uma figura de grande importância, que leva à compreensão do Messias, de Cristo. Claro que esta última possibilidade deve levar em conta que é uma afirmação inconsciente do centurião. Ele era pagão, não entenderia o tema do “servo sofredor”, que é entendido pelos judeus.

[2] A multidão, depois da morte de Jesus, volta para casa “bando no peito”. Isto quer dizer que a multidão tem um sentimento de culpa, pois de alguma forma ela foi cúmplice naquilo que aconteceu. Talvez não de modo claro, mas por não esboçar qualquer reação, qualquer revolta pelo ato de violência extrema e agressão brutal a um justo, como afirmou o centurião.

[3] Os amigos de Jesus e as mulheres que o acompanhavam *...permaneciam à distância, observando essas coisas* (versículo 49). Eles estão perplexos, sem entender o que aconteceu. A posição de Jesus é algo incompreensível para eles. De fato, eles conhecem o Jesus líder, decidido, que tem uma resposta surpreendente e que derruba as maldades das autoridades judaicas, quando são propostas para destruí-lo. Ele era o máximo que podia existir, mas naquelas horas não reagiu, não defendeu a verdade, a justiça... Simplesmente aceitou tudo, de um modo incompreensível para quem não havia ainda entendido a Pessoa e a Missão de Jesus.

De fato, este é o problema: Ele ainda não havia sido compreendido. Esta incompreensão será novamente o tema de uma cena no terceiro ato. No episódio chamado de “discípulos de Emaús” Jesus, ressuscitado, encontra-se com dois discípulos. Mas eles não o reconhecem. Para reconhecê-lo os discípulos precisaram penetrar no Mistério de sua Pessoa e Missão.

Os citados amigos de Jesus certamente são seus discípulos. As mulheres que o acompanhavam certamente são aquelas citadas em Lucas 8,1-3. Eles estavam lá, sem entender, perdidos na situação, mas estão lá. Este fato, que parece ser tão inexpressivo, é o primeiro passo para que eles todos sejam testemunhas de Jesus Ressuscitado.

12ª Cena: 23,50–56

Jesus, sepultado

O sepultamento de Jesus deveria ser feito às pressas. O motivo, porém, não está muito claro em Lucas. No versículo 54 lemos: *Era o dia da preparação, e o sábado começava a luzir.*

LEIA **Lucas 23,50–56**

A questão é que a morte de Jesus acontece na véspera do dia da Páscoa. O versículo fala de “dia da preparação”. Isto significa que a Páscoa, a maior festa do Judaísmo, estava sendo preparada. Além disso, este mesmo dia da Páscoa caía, naquele ano, no Sábado.

O SÁBADO

O Sábado é uma “invenção” judaica. De fato, ele aparece quando a semana de sete dias é inventada. Os povos antigos não tinham a divisão do tempo e o calendário como o conhecemos hoje em dia. O próprio Sábado era desconhecido da sociedade romana, por exemplo. A semana de sete dias é formada em função do dia de Sábado.

Introduzindo o Sábado como dia santificado, o Judaísmo iniciou uma revolução cultural lenta mas poderosa. Na atualidade quase todos os povos e culturas aderiram a este modo de dividir e contar o tempo, que chamamos de “semana”.

O mandamento do Sábado encontra-se, de modo explícito, em Êxodo 20,8–10 e em Deuteronômio 5,12–15. Encontra-se de modo poético em Gênesis 2,2–3. Estes versículos concluem o chamado “poema da Criação”. É uma espécie de “Creio” ou “profissão de fé”, que reconhece Deus como Criador e tudo o que Ele fez como criaturas, portanto dependentes Dele. Mas o interessante é que, neste poema da Criação, no Sábado até Deus descansa. Ora, se é assim, então o Sábado deve ser respeitado como dia sagrado, de Deus.

Jesus ensina que o Sábado é feito para o Homem, não o contrário. Mas não nega o seu valor.

A PÁSCOA ANUAL

Esta é, sem dúvida, a maior festa do Judaísmo. O Cristianismo também a tem como sua maior festa. No Judaísmo era a recordação da libertação do Egito, com os hebreus liderados por Moisés. No Cristianismo é a memória da Ressurreição de Jesus.

A Páscoa dos Judeus não ocorre em um dia fixo da semana, como a Páscoa Cristã. A Páscoa dos Judeus é no dia 14 do mês de Nisã, que está entre março e abril no nosso calendário.

No tempo de Jesus esta festa reunia dezenas de milhares de peregrinos em Jerusalém. Todos os que podiam vinham com sua família para comemorar, próximos do Templo, a libertação da opressão dos egípcios e a eleição de Israel como Povo de Deus.

A Paixão e Morte de Jesus acontecem na “preparação”, que era o dia anterior à Páscoa. Era necessário providenciar muitas coisas neste dia. É certo que, os que seguiram os acontecimentos, não puderam preparar nada, pois estavam envolvidos no turbilhão que se estabeleceu.

Como era um dia festivo e, além disso, um sábado, era necessário tirar o corpo de Jesus da Cruz o quanto antes, para poder guardar a Páscoa e o Sábado e proteger o cadáver das intempéries e dos animais carnívoros. É aqui que surge José de Arimateia.

Vemos nesta cena do sepultamento de Jesus, a última do segundo ato da Paixão e Morte de Jesus, dois momentos.

[1] José de Arimateia. Lucas nos informa que José de Arimateia era membro do Conselho. Isto quer dizer que ele era um sinédrito, um membro do Sinédrio. Ele era um “homem bom e justo” (versículo 50) e que não havia concordado com a decisão de matar Jesus. Lucas também afirma que ele, José de Arimateia, “esperava o Reino de Deus”. Esta afirmação deve indicar que ele era próximo de Jesus.

Sendo uma figura importante na sociedade ele poderia ser ouvido por Pilatos. Lucas informa que, de fato, José pediu o corpo de Jesus e foi atendido.

E, descendo-o, envolveu-o num lençol e colocou-o numa tumba talhada na pedra, onde ninguém ainda havia sido posto (Lucas 23,53). É o final trágico e melancólico da carreira de Jesus. Mas só aparentemente...

[2] As mulheres observaram a sepultura. Lucas informa que as mulheres que acompanharam Jesus desde a Galileia observavam a sepultamento de Jesus. Sabemos pelo versículo 53 que José de Arimateia envolveu o cadáver em um lençol e que o pôs no sepulcro. As mulheres devem ter notado que o sepultamento foi feito às pressas, pelo motivo da preparação da Páscoa.

O versículo 56 indica que as mulheres voltaram, certamente para suas casas ou para onde estavam alojadas. Lá elas prepararam perfumes para unguir o cadáver. Parece que fariam isto no dia depois de Sábado, que coincidia com a Páscoa naquele ano.

TRÊS DIAS NO SEPULCRO

Algo que muita gente não entende é a tempo de três dias no sepulcro. Não se trata de uma conta de dias de 24 horas, mas sim da referência de cada um dos dias no seu todo, complexamente.

Então é assim: 1º dia, a própria sexta-feira; 2º dia, o Sábado; 3º dia, o Domingo ou Dia do Senhor. Nós Cristãos chamamos o primeiro dia da Semana de “Domingo”, que significa “dia do Senhor” precisamente por conta da Ressurreição de Jesus ocorrer neste dia. Os Judeus chamavam de “primeiro do Sábado”. O sentido era o “primeiro dia depois do sábado; ou então o primeiro que se conta antes do sábado, que será daqui a seis dias”.

O Domingo tem o seu valor a partir da Ressurreição de Jesus.

3º Ato

JESUS, O RESSUSCITADO

Lucas 24,1–52

Este é o último ato desta parte do Evangelho de Lucas e, por consequência, o último ato de todo o Evangelho. Último no sentido de concluir a narração do drama da Paixão e Morte, mas não último no sentido da história. Sabemos que a Ressurreição de Jesus iniciou um processo, tímido no início, mas decisivo. Olhando com atenção chegamos à conclusão que a Ressurreição de Jesus modificou a história.

Mesmo tão comentada durante estes vinte séculos, ainda não conhecemos perfeitamente o que aconteceu e como aconteceu. Temos ideias importantes do sentido de tudo aquilo e para onde tudo aponta.

Mas, para compreender este capítulo é necessário mergulhar dentro do Mistério de Jesus Cristo. O estudo que fazemos é para isso. E nem sempre é fácil, admitamos. Contudo, é emocionante.

1ª Cena: 24,1–8

Jesus e o sepulcro vazio

No primeiro dia da semana, muito cedo ainda, elas foram à tumba... (versículo 1). Este versículo é um marco, uma mudança inesperada de situação, embora muitas vezes anunciada por Jesus.

As mulheres, que em Lucas 8,1–3 haviam sido nomeadas, que no final do ato anterior, na última cena, em 23,50–56, observavam o que acontecia, agora vão até o sepulcro. Passou a tarde da sexta-feira, passou todo o Sábado, e agora é o primeiro dia da Semana. Lucas informa que é “muito cedo ainda”. O que pode ser este “muito cedo ainda”? Talvez de madrugada, com o sol apenas ameaçando aparecer. Devia fazer frio, pois era ainda o início da primavera, quando as manhãs e noites ligam o clima ao frio do inverno.

<p>LEIA Lucas 24,1–8</p>

As mulheres levam os aromas que haviam preparado. Desejavam concluir a sepultura de Jesus. Sabemos pelo Evangelho de João que o sepultamento não havia sido concluído, não havia sido feito de modo correto, pois o dia da Páscoa estava para começar. Além disso este dia caía em um Sábado, quando eram proibidos trabalhos manuais.

As mulheres estão comovidas, compadecidas com a sorte de seu mestre. Querem prestar uma homenagem àquele homem especial, totalmente diferente. Encantador, arrebatador, emocionante, cativante e tantos outros adjetivos poderíamos encontrar para Jesus.

Contudo, elas não imaginavam que iriam encontrar o testemunho do fato que mudaria a história. O versículo 2 informa que elas encontraram a pedra do túmulo removida e o túmulo vazio. O corpo morto de Jesus não estava lá!

UM SEPULCRO ESPECIAL

Podemos imaginar que o sepulcro de Jesus era especial, pois de um homem de posses. José de Arimateia era o proprietário do túmulo onde Jesus foi colocado. Esta informação nós a temos de Mateus 27,59. Marcos informa, em 15,46, que o túmulo era entalhado na pedra. Já o Evangelho de João 19,41, indica que o sepulcro estava em um jardim, e era um sepulcro novo, no qual ninguém ainda havia sido posto.

Um sepulcro novo. O sentido disto é que um cadáver de alguém condenado à morte, não devia ser colocado em um sepulcro onde outros já haviam sido postos. Isto poderia desonrar os ossos dos justos lá sepultados.

Um jardim. A informação de João de que o sepulcro de Jesus estava em um jardim nos faz lembrar a criação dos primeiros seres humanos. No relato mítico da criação, em Gênesis 2,4–25, eles estão em um jardim, sinal de comunhão mútua e com Deus. Jesus é sepultado em um jardim e, com sua ressurreição, inicia uma “nova criação”.

Além disso, é preciso entender que os sepulcros não ficam em “cemitérios”, como nós os temos hoje. As cidades tinham muros que as protegiam e os sepulcros ficavam fora dos muros. Era normal faze-los ao longo das estradas de acesso às cidades. Assim os passantes os viam e admiravam o poder das famílias que os mandavam erguer.

Os textos dos Evangelhos nos informam que próximo do lugar onde Jesus tinha sido morto havia um jardim, e nele, um sepulcro. Pode ser estranho para nós hoje, mas era possível na antiguidade.

A surpresa das mulheres deve ter sido grande. E mais ainda quando, conforme lemos no versículo 4, apareceram dois homens, com vestes fulgurantes, aparecem perante elas.

As mulheres entendem que aquilo era uma visão celeste, uma ação de Deus, uma teofania. E por causa disto, se inclinam para o chão, em sinal de respeito, de humildade, de admiração. E os homens fazem a pergunta e a afirmação:

Por que procurais Aquele que vive entre os mortos?

Ele não está aqui. Ressuscitou!

*Lembrai-vos de como vos falou
quando ainda estava na Galileia.*

E preciso que o Filho do Homem

seja entregue às mãos dos pecadores,

seja crucificado e ressuscite ao terceiro dia.

(Lucas 24,6–7)

Os homens de aspecto fulgurante anunciam às mulheres que Jesus Ressuscitou. Isto quer dizer que ele, que estava deitado pela ação da morte, levantou e reassumiu a vida. As mulheres, então, recordam-se das palavras de Jesus.

Uma coisa pode-se perguntar: por que as mulheres, por que os discípulos e por que todos os que ouviram Jesus anunciam futura res-

surreição não haviam entendido que a morte não era a última palavra na vida de Jesus? A resposta é até simples: pelo mesmo motivo que nós ainda não entendemos que a morte, para nós, não é a última palavra em nossa vida.

É comum o ditado: “para tudo há uma solução, menos para a morte!” Ora, quem assim fala não tem fé, não é cristão e não entendeu nada do que a nossa experiência de Deus declara. São Paulo, em 1 Coríntios, falando disto, declara:

*Lembro-vos, irmãos,
o Evangelho que vos anunciei,
que recebestes, no qual permaneceis firmes,
e pelo qual sois salvos, se o guardais como vo-lo anunciei.
Doutro modo, tereis acreditado em vão.
Transmiti-vos, em primeiro lugar,
aquilo que eu mesmo recebi:
Cristo morreu por nossos pecados,
segundo as Escrituras.
Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia,
segundo as Escrituras.
Apareceu a Cefas, e depois aos Doze.
Em seguida apareceu
a mais de quinhentos irmãos de uma vez,
a maioria dos quais ainda viva,
enquanto alguns já adormeceram.
Posteriormente apareceu a Tiago,
e, depois, a todos os apóstolos.
Em último lugar apareceu também a mim,
como a um abortivo. (1 Coríntios 15,1–8)*

Paulo entende que a Ressurreição de Jesus é o fato mais importante da história e, de modo especial, para os que nele creem. Paulo continua, ainda em 1 Coríntios 15:

*E, se Cristo não ressuscitou,
vazia é a nossa pregação,
vazia é também a vossa fé. (...)
Pois, se os mortos não ressuscitam,
também Cristo não ressuscitou.
E, se Cristo não ressuscitou,
ilusória é a vossa fé: ainda estais nos vossos pecados. (...)
Se temos esperança em Cristo tão somente para esta vida,
somos os mais dignos de compaixão de todos os homens.
Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos,
primícias dos que adormeceram! (1 Coríntios 15,14.16–17.19–20)*

É claro que Paulo via com clareza a Ressurreição de Jesus, pois ele havia mergulhado profundamente no Mistério da Pessoa e da Missão de Jesus Cristo. Mas aquelas mulheres que foram até o sepulcro ainda não tinham esta visão completa. Embora ouvissem a palavra de Jesus, não a haviam compreendido.

Mas agora parece que tudo havia sido claro. Pelo menos elas sabem que algo magnífico, sem comparação, aconteceu. E elas precisam anunciar isto aos discípulos.

2ª Cena: 24,9–12

Jesus e a contradição: está morto ou não?

As mulheres são nomeadas aqui, nestes versículos. Ficamos sabendo que são Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago. E havia outras mulheres que não são nomeadas individualmente.

Elas vão até os apóstolos e, segundo Lucas 24,11, eles as tomam por desvairadas. *...e não lhes deram crédito*, afirma o versículo 11.

Contudo, Pedro vai ver o túmulo. Em João 20,3 sabemos que Pedro e o “discípulo amado” é que foram até o túmulo. Lucas não cita este outro discípulo. Mas Lucas indica que Pedro...

LEIA
Lucas 24,9–12

...inclinando-se, porém, viu apenas os lençóis. (Lucas 24,12). Ele ficou impressionado com tudo aquilo. É difícil compreender o que sentiu Pedro com aquela situação. Talvez ele tenha entendido o que havia acontecido, mas ainda não conseguia colocar tudo nos devidos lugares. Então ele teve de aguardar que tudo tivesse sido esclarecido.

Na realidade, os discípulos ainda não haviam “mergulhado” no Mistério da Pessoa e Missão de Jesus Cristo. E não é fácil fazê-lo. Não se trata de um conhecimento racional, apenas. Nem de um conhecimento afetivo, somente. É mais do que isto. E é esta a situação que lemos neste episódio a seguir. É a terceira cena deste ato.

3ª Cena: 24,13–35

Jesus e os dois de Emaús

Toda esta situação, indefinida, complicada, tem sua representação mais clara no episódio que é chamado, geralmente, “discípulos de Emaús”. Aqui nós chamamos de “Os dois de Emaús”. Este episódio pode ser dividido em duas partes bem distintas que se completam. A primeira parte são os versículos 13 a 24 e chamamos de “a situação”. A segunda parte é composta dos versículos 25 a 35 e nós a chamamos de “a revelação”.

LEIA
Lucas 24,13–35

[1] A situação. O texto indica que na tarde do mesmo dia, isto é o primeiro da semana, dois discípulos viajavam para Emaús. Eles conversavam sobre os acontecimentos que presenciaram: a paixão e morte de Jesus.

Lucas indica, no versículo 15, que o próprio Jesus se coloca com eles e que eles não o reconhecem. O texto diz informa:

...Seus olhos, porém, estavam impedidos de reconhecê-lo (versículo 16). Por que os olhos estavam impedidos? Podemos entender o motivo: Eles não haviam aceitado o Mistério de Jesus Cristo, sua Pessoa e Missão. Não tinham enxergado a fundo o que Ele havia anunciado.

Seus olhos estavam apenas no sofrimento, na morte, nas ações isoladas de Jesus... Eles usavam o que tinham: sua percepção humana. Não haviam alimentado o dom da boa nova. Ou esperavam que Jesus fosse decisivo apenas para o imediato, para o dia-a-dia. Enfim, eles se decepcionaram, profundamente, com Jesus. Mas esta decepção foi pela incompreensão deles mesmos.

Jesus os aborda e pergunta que assunto é aquele que eles conversam (versículo 17). Um deles, que Lucas indica chamar-se Cléo fã, pergunta se aquele homem é o único forasteiro em Jerusalém que não sabe o que havia acontecido. Percebe-se que o fato deve ter mexido com muita gente. Mas Jesus pergunta o que podia ter sido: *Quais?* (versículo 19). Quais fatos, pergunta Jesus.

Os dois estão ligados aos fatos, aos acontecimentos, sem compreender o profundo sentido dos mesmos.

Os dois discípulos tentam responder a Jesus. Iniciam declarando que Jesus, o Nazareno, era um profeta poderoso em palavras e obras. Ele havia convencido muitos a respeito de sua mensagem, mas os chefes dos sacerdotes e os outros chefes o perseguiram e o condenaram à morte.

Os discípulos não escondem que estão decepcionados com toda esta história, quando dizem: *Nós esperávamos que fosse ele quem iria redimir Israel; mas com tudo isso faz três dias que todas estas coisas aconteceram* (versículo 21).

Depois os dois discípulos contam, para o próprio Jesus ressuscitado, do fato das mulheres irem até seu sepulcro e encontrá-lo vazio. Aparecem às mulheres anjos que anunciam que Jesus está vivo, mas ele continua sem ser visto (versículos 22 e 23)... Informam também a ida de alguns "dos nossos", o que quer dizer do grupo dos discípulos que foram investigar, mas não encontraram o corpo, e ficaram sem entender (versículo 24).

Esta é a situação em que eles se encontram: na incapacidade de compreender o fato da ressurreição e de tudo o que veio antes, a paixão e a morte do Senhor.

[2] A revelação. Aqui começa a ação de Jesus ressuscitado. Primeiro, Ele lhes chama a atenção:

Insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram! (versículo 25). A insensatez tem a ver com a incapacidade de compreender o Mistério. A lentidão de coração é a incapacidade de aceitar afetivamente o Mistério. Insensatez está ligada à razão, à compreensão do conteúdo dos fatos, de seu sentido. Lentidão está ligada à insensibilidade, à falta da adesão amorosa a algo ou alguém.

Insensatez. Ela é superada com a racionalidade, com a compreensão do Mistério em sua amplitude. A Escritura, o Antigo Testamento, em várias passagens, havia proposto a paixão e a morte do Justo, do Servo sofredor. Era o projeto da salvação. Um Mistério que se compreende com muita reflexão, com tempo e maturação.

Lentidão. É necessário conhecer amorosamente alguém para aceitar estar com esta pessoa. Sem a interação íntima não é possível partilhar a vida. A lentidão de coração é a incapacidade de sentir com o outro, deixar-se penetrar pelos seus sentimentos e viver na compaixão, compadecer-se, emocionar-se e entender que o coração vê e ouve razões além da própria razão.

Estes dois pontos, que determinam os limites dos discípulos de Jesus, que antes certamente o tinham visto tantas e tantas vezes, ouvido e seguido e que agora, simplesmente, não o reconhecem... É o caso de sempre: sem adesão de Fé, sem inteligência e afeto, é difícil entender o Mistério de Jesus Cristo.

Então Jesus lhes diz: *Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?* (versículo 26). É um modo de falar típico dos hebreus: afirmar algo perguntando. Esta frase quer dizer: era, realmente, necessário, o sofrimento de Cristo para que ocorresse a sua glória!

O Anúncio da Palavra. E aqui vem a primeira revelação: *E começando por Moisés e por todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito* (versículo 27).

Esta indicação de “Moisés”, “Profetas” e “Escrituras” é interessante: são as três partes da Escritura dos Judeus. Vimos isto no primeiro fascículo de nosso estudo, quando falamos da Bíblia Judaica e Bíblia Cristã. Enquanto nós, Cristãos, dividimos o Antigo Testamento em Pentateuco, Livros Históricos, Livros Sapienciais e Livros Proféticos, os Judeus dividem em: Torah ou “Moisés” ou “Lei de Moisés”, Profetas e Escritos ou “Escrituras”.

Parece que Lucas deseja informar que Jesus faz um anúncio do Antigo Testamento inteiro. Tudo dizia respeito a Jesus, de um modo ou de outro. Ele é o centro de tudo o que havia sido apresentado e Nele tudo tem sentido.

Pelo que entendemos do texto de Lucas, os dois discípulos ouvem o que Jesus diz. Quando eles chegam próximos do lugar onde deviam ficar, Jesus indica que vai para frente. Então eles pedem: *Permanece conosco, pois cai a tarde e o dia já declina* (versículo 29). É a abertura que Jesus necessitava para realizar o sinal que testemunha o seu anúncio.

O Sinal da Presença. Conta-nos Lucas: *Uma vez à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e distribuiu-o a eles* (versículo 30). Tudo nos lembra um rito eucarístico. Se eles estavam presentes na última ceia que Jesus fez, antes da prisão e da paixão, então eles reconhecem os gestos de Jesus. Este sinal, o **partir o pão**, será o sinal cristão por excelência. Ele é antecedido pelo **anúncio da Palavra**. A Palavra, que é de Deus e foi apresentada por Moisés, os Profetas, e por homens e mulheres do passado, é atualizada e realizada em Jesus. Ele realiza em si mesmo o Mistério e o partir do pão é o sinal de sua presença ressuscitada.

Finalmente os dois compreendem o Mistério: É Jesus que está com eles, desde o início de sua caminhada, mesmo em meio a dúvidas. Curiosamente Jesus não é mais visível. Parece que era necessário apenas que eles o aceitassem em seu Mistério. Logo que isto

acontece, Ele já não está visível. E o motivo é simples: agora Ele está na Palavra e no Sinal. É este o tempo que começou com a Ressurreição de Jesus, o tempo da Palavra e do Sinal da presença do Senhor. A Palavra e o Sinal são marcas de seu Mistério.

Os dois discípulos dizem: *Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?* (versículo 32) Outra afirmação feita como uma pergunta. Mas o sentido é de declaração.

Lucas informa, no versículo 33, que os discípulos voltam imediatamente para Jerusalém. Lá encontram os Onze, que são os mais próximos de Jesus, que por sua vez também já sabiam da realidade da Ressurreição de Jesus.

É curioso que não sabemos como os outros discípulos, que estavam em Jerusalém, chegaram a compreender a Ressurreição. Lemos em Lucas, nesta passagem, que os que estavam em Jerusalém afirmaram para os dois que chegaram de Emaús: *É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!* (versículo 34). Não sabemos que aparição foi esta nem quando nem como foi.

FÉ: RAZÃO E CORAÇÃO

Para que exista uma Fé adulta e responsável é necessário **razão e coração**. A razão é a nossa compreensão do Mistério. É necessário esforçar-se para isto. O coração é o sentimento, a emoção de aceitar.

A fé, com a razão e o coração, é como um trem, que caminha em dois trilhos. Sem um dos trilhos o trem descarrilha, e causa um enorme acidente.

Crer somente com a razão, sem o coração, faz com que a pessoa torne-se hipócrita, pois ela conhece muito bem o Mistério, mas não o ama nem sente-se amada. Então, é falsa. Crer somente com o coração torna a pessoa apaixonada e, rapidamente ela torna-se fanática. Pode até matar em nome da Fé.

Razão e coração devem andar juntos.

FRAÇÃO DO PÃO

Esta expressão é a mais antiga para a identificação do que hoje chamamos de "Eucaristia". Partir o pão é sinal da presença de Jesus. Note-se, porém que não é somente um ato pragmático, caritativo ou relativo à justiça distributiva ou social. É o sinal da presença do Mistério. Jesus Cristo é o Deus que se fez matéria para que Dele o homem pudesse alimentar-se.

"Partir o Pão", junto com "Ouvir a Palavra", são as duas atitudes mais fundamentais da Fé Cristã.

Os dois de Emaús, agora transformados pela experiência com Jesus Cristo Ressuscitado, *...narraram os acontecimentos do caminho e como o haviam reconhecido na fração do pão* (versículo 35).

4ª Cena: 24,36–43

Jesus: “A paz esteja convosco!”

Lucas conta que, durante o testemunho dos dois discípulos retornados de Emaús, o próprio Jesus se coloca entre os discípulos. A primeira palavra de Jesus, como no Evangelho segundo João, é “A paz esteja convosco” (versículo 36).

O espanto do grupo é grande, pois aquele que estava morto, e que eles olharam, de longe, no final da crucificação, agora estava vivo perante eles. Mesmo que Pedro houvesse testemunhado que o vira, mesmo que os dois vindos há pouco de Emaús afirmassem o mesmo, o impacto deve ter sido grande.

Sabendo disto, Jesus pergunta e anuncia:

Por que estais perturbados e por que surgem tais dúvidas em vossos corações? Vede minhas mãos e meus pés: sou eu! Apalpai-me e entendei que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho (versículos 38–39).

Quase parece que Lucas vai descrever o episódio de Tomé. Quando lemos João 20,19–28, vemos a história do discípulo que precisou “ver para crer”.

As dificuldades dos discípulos no encontro com Jesus ressuscitado demonstram que a adesão a Ele é sempre um movimento de aceitação, de compreensão afetiva. Ele causa perplexidade. **Jesus é sinal de contradição!** Este é o nosso modo de compreender o Evangelho de Lucas. Aqui Jesus é sinal de contradição, pois é um morto que está vivo. A morte deveria tê-lo destruído completamente. E é isto o que eles, os discípulos, viram acontecer. E não compreenderam.

Não compreenderam, pois Jesus foi um sinal de contradição na sua paixão e morte. Ele, que antes era um líder, um homem decidido, capaz, livre... Foi controlado, diminuído e destruído... Jesus foi um sinal de contradição, pois, antes, Ele havia ressuscitado um jovem, um filho

LEIA
Lucas 24,36–43

TEMPO PARA CRER

Parece que, para crer, é necessário tempo. O fato de Tomé, que lemos em João 20,19–28, de que aqui fazemos menção, é isto. Para chegar a compreender, deixando de lado os limites da incredulidade, das dúvidas, dos preconceitos e de todos os limites humanos, é preciso tempo.

Os sinais que acompanham Jesus Cristo Ressuscitado compõem, com o tempo de sua presença entre os discípulos, o tempo de sua teofania. Depois disto, quando Jesus volta para o Pai, começa o tempo da Igreja.

único de uma mãe viúva (em Lucas 7,11-17). E, na Cruz, Ele não reage. Um ladrão o acusa, o ofende; o outro lhe pede auxílio e Jesus lhe promete o paraíso. Seria tão impressionante se Ele se desprendesse da Cruz e calasse a boca de seus opressores, acusadores e carrascos. Mas não! Ele é silencioso. É uma contradição enorme.

E agora Ele está vivo, mas pertence a outro mundo. Não é mais deste mundo, embora ainda possa ser visto, tocado, sentido, ouvido. Como eles não entendiam ou conseguiam ainda situar-se no Mistério de Jesus Cristo Ressuscitado, este mesmo Jesus pede algo para comer. Oferecem-lhe pão e peixe (versículo 42), que ele come na frente deles.

Jesus tem um corpo, matéria, mas é diferente, pois aparece e desaparece; entra e sai sem usar portas e janelas; embora conhecido precisa apresentar sinais para ser compreendido. É o tempo de sua Ressurreição, o tempo de sua estada final nesta terra.

5ª Cena: 24,44-49

Jesus, sinal de contradição

Jesus é um sinal de contradição, como já vimos em tantos passos deste nosso estudo. E continuaremos a ver, em textos posteriores.

Naquele dia em que os discípulos recebem Jesus Cristo Ressuscitado, eles já começam a compreender o que isto significa. Ele mesmo sabe disto, certamente. Lucas apresenta Jesus afirmando: *São estas as palavras que eu vos falei, quando ainda estava convosco: era preciso que se cumprisse tudo o que está escrito*

sobre mim na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos (versículo 44). E Lucas indica: *Então, abriu-lhes a mente para que entendessem as Escrituras...* (versículo 45). Para entender Jesus é necessário ter a mente aberta, o que é um dom do Espírito. Eles o terão no dia de Pentecostes, mas desde já o Espírito está com eles, pois eles o entendem. Para os discípulos Jesus já não é mais um sinal de contradição, mas de salvação.

Jesus, Pessoa humana e divina, cumpriu a Missão. Lemos em Lucas 24,46-48: *Assim está escrito que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que, em seu Nome, fosse proclamado o arrependimento para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém.*

COMEÇO EM JERUSALÉM: O TESTEMUNHO

Aqui está a indicação do projeto, da ideia que tomará conta do Livro dos Atos dos Apóstolos. Sabemos que a obra de Lucas é dupla: Evangelho e Atos dos Apóstolos. O fundamento é o **testemunho**. Neste capítulo 24 de Lucas, no versículo 48, lemos: *Vós sois testemunhas disso.*

O Livro de Atos dos Apóstolos tem este tom: partindo de Jerusalém toda a terra conhecida deverá ter o testemunho dos que viram Jesus Cristo Ressuscitado.

Aqui está a programação para a Igreja: A proclamação do arrependimento e a remissão dos pecados a todas as nações. Não apenas para os Judeus, mas para todas as nações. O começo será, contudo em Jerusalém.

Em seguida Jesus declara que enviará a força do Alto. Trata-se do Espírito Santo. Certamente o grupo dos discípulos não compreendeu ainda a extensão da ação de Jesus Cristo Ressuscitado sobre eles. Mas entenderão quando o Espírito vier em seu auxílio. O que parece seguro é que eles estão felizes, pois o Senhor está vivo.

6ª Cena: 24,50–52 Jesus: o fim. Será?

A última cena deste terceiro ato é o que se chama de Ascensão de Jesus. É uma cena, certamente, simbólica. Jesus reúne os discípulos em Betânia, uma cidade vizinha de Jerusalém. Lá ele distancia-se deles e vai para o céu.

Apesar da beleza da imagem que aqui é descrita o que temos não é um fato histórico, mas uma expressão de um fato histórico. O que Lucas deseja afirmar é que Jesus não está mais presente entre os discípulos, de forma visível, humana.

Começou o tempo do Espírito, que será marcado, logo, pela presença do Espírito Santo em meio aos discípulos, movimentando a ação, a Igreja, a história. É o tempo da Igreja.

Não mais visível entre os discípulos, agora Jesus está presente na **Palavra** e nos **Sacramentos**, que são os sinais de sua vida e ação transformadora.

O Evangelho segundo Lucas termina onde começou. A primeira cena de Lucas é no Templo de Jerusalém, com Zacarias tendo uma experiência teofânica: o anúncio do nascimento de seu filho, João, que será chamado de Batista.

Agora o Evangelho segundo Lucas termina. E a última cena é muito positiva. Os discípulos estão alegres, *...com grande alegria e estavam continuamente no Templo, louvando a Deus* (versículos 52–53).

LEIA
Lucas 24,50–52

Terceira Parte

O EVANGELHO

SEGUNDO LUCAS

NA LITURGIA

Nesta parte de nosso estudo sobre o Evangelho segundo Lucas iremos brevemente observar como seu texto é apresentado na Liturgia da Igreja Católica Apostólica Romana. Claro que não poderemos abordar todos os dias do ano, mas apenas destacaremos os Domingos. E iremos observar os tempos litúrgicos. Nesta unidade iremos observar como o texto de Lucas é apresentado no Ciclo Pascal do Ano Litúrgico C. Este Ano Litúrgico C cai nos seguintes anos civis: dezembro 2012–novembro 2013; dezembro 2015–novembro 2016; dezembro 2018–novembro 2019, etc.

O Ciclo Pascal é dividido em quatro partes desiguais.

- a) Tempo da Quaresma;
- b) Semana Santa;
- c) Tríduo Pascal;
- d) Tempo Pascal com Oitava da Páscoa e Pentecostes.

Nossa análise será seguindo os Domingos e Solenidades do Ciclo Pascal. Note-se, contudo, que nem sempre nestes Domingos e Solenidades os textos proclamados como Evangelhos são somente de Lucas. No Tempo Pascal, por exemplo, a maior parte dos textos usados na Liturgia Dominical é de João, e isto ocorre também nos Anos Litúrgicos A e B.

I. TEMPO DA QUARESMA – ANO C: LUCAS

Encontramos o texto de Lucas em quase todos os Evangelhos Dominicais da Quaresma.

1º Domingo: Lucas 4,1–13

Tema: *Jesus, no deserto, era guiado pelo Espírito e foi tentado.*

Trata-se da tentação de Jesus segundo Lucas. Este texto é mais elaborado que aquele de Marcos 1,12–13 e um pouco diferente de Mateus 4,1–11. A ordem das tentações é diferente aqui em Lucas, em relação a Mateus. Mas o que se evidencia é a humanidade de Jesus: Ele é humano e então sofre a tentação, como todo ser humano. Diversamente, porém, onde todos os homens caem, Ele não cede à tentação.

Um detalhe importante é a afirmação final do texto: *Tendo acabado a tentação, o diabo o deixou até o tempo oportuno* (Lucas 4,13). Lucas não volta explicitamente a este tema, mas é possível entender que este “tempo oportuno” seja o tempo da fraqueza, do sofrimento, quando o espírito humano (e Jesus é humano) está mais fragilizado. Este tempo é o da paixão. Então, as tentações de Jesus nos ligam aos relatos da paixão.

Mas a ligação maior deste texto está como Domingo seguinte, com o texto da transfiguração.

2º Domingo: Lucas 9,28b–36

Tema: *Enquanto Jesus rezava, seu rosto mudou de aparência.*

Este texto da transfiguração de Jesus em Lucas faz o contraponto ao texto anterior, das tentações. Se Jesus passa pelas tentações, então Ele é humano como nós. Mas se Ele se transfigura, Ele então demonstra a sua divindade.

Estes dois primeiros Domingos da Quaresma evidenciam, assim, dois aspectos fundamentais da Pessoa de Jesus: sua humanidade e sua divindade.

3º Domingo: Lucas 13,1–9

Tema: *Se não vos converterdes, ireis morrer todos do mesmo modo.*

Aqui temos um texto curioso de ser analisado e proposto. Trata-se de dois temas interligados.

a) A sorte do homem (13,1–5): chamamos assim a constatação que Jesus faz de dois episódios. Primeiro, em 13,1–3, a notícia de um massacre que Pilatos mandara fazer. Alguns galileus (conterrâneos de Jesus e da maioria dos discípulos) foram massacrados por Pilatos em um momento de oração. O segundo é um fato citado pelo próprio Jesus: o desabamento de uma tal “Torre de Siloé” sobre 18 pessoas, em 13,4–5. Nos dois casos a conclusão de Jesus é uma pergunta provocativa: eles que morreram, as vítimas de Pilatos e as vítimas do desastre, são mais pecadores que os outros? Jesus diz que não. E arremata: *Não, eu vos digo. Mas, se não vos arrependerdes... perecereis todos de modo semelhante!*

Note-se bem: todos perecerão. O modo semelhante não é o modo da morte, mas a própria morte. E todos passarão por ela. Por isso será necessário o arrependimento, pois se não houver arrependimento em tempo hábil, a morte chegará mais rápido! Nós traduzimos o texto com as reticências (...), que deixam o texto suspenso, como que criando uma expectativa.

b) A parábola da figueira e seus frutos (13,6–9): Trata-se de uma imagem muito prática. Um agricultor tem uma figueira que não dá frutos. Ele deseja cortá-la, pois está gastando a terra inutilmente. Alguém “defende” a figueira, indicando que será adubada. Se ainda assim continuar sem frutos, então será cortada. É uma nova chance.

A parábola parece clara: quem não dá frutos será cortado, não entrará no Reino. Mas terá sua chance se perceber que deve mudar, transformar.

Este texto, de duas partes, de índole aparentemente ética, está colocado estrategicamente depois dos dois textos que põem em evidência a humanidade de Jesus (1º Domingo da Quaresma) e a divindade de Jesus (2º Domingo da Quaresma). Se na primeira parte da Quaresma, nestes dois Domingos, o tema é a Pessoa de Jesus, nesta parte da Quaresma o tema é a posição do homem depois de ouvir a Palavra de Jesus. A conversão é necessária já, pois não se sabe quanto que se viverá ainda.

4º Domingo: Lucas 15,1–3.11–32

Tema: *Este teu irmão estava morto e voltou a viver.*

Neste quarto Domingo a Igreja propõe uma das “parábolas de misericórdia”. Trata-se da “Parábola do Filho Pródigo”, que podemos chamar também de “Filho perdido”. De fato, são três as parábolas deste capítulo 15 de Lucas. A primeira é a da ovelha perdida (15,4–7); a segunda é a da moeda perdida (15,8–10); a terceira é a do “filho perdido”. Alguém sempre perde algo: a ovelha, a moeda e o filho.

Depois da introdução, nos versículos 1 a 3, pulam-se as duas primeiras parábolas e vai-se imediatamente para a terceira. O filho pródigo representa quem é desencaminhado, quem é arrogante e in-consequente. O pai é aquele que espera. Mas não somente isto: parece até um tolo, pois cede sempre ao filho, aos seus caprichos. Ele, o pai, espera que o filho entenda o perdão, aceite-o. Mas antes este filho precisa mergulhar na desgraça. Somente sentindo-a ele poderá valorizar a graça.

Este texto é um complemento do texto de Lucas do Domingo anterior (Não entraremos mais em detalhes, pois isto será feito quando este texto for analisado em uma unidade correspondente).

5º Domingo: João

Este Domingo apresenta um texto de João. Não o analisaremos.

II. SEMANA SANTA E TRÍDUO PASCAL ANO C: LUCAS

Domingo de Ramos

Entrada em Jerusalém: Lucas 19,28–40

Tema: *Bendito o que vem em nome do Senhor.*

Jesus é aclamado como rei messiânico e isto tem uma importância grande. Ele assume um papel que muitos desejavam que fosse assumido. Com a atitude de pedir uma montaria e dela tomar posse, Jesus usa a prerrogativa real de tudo poder requisitar. Aceito pelas multi-

dões como rei messias Jesus assume, como dissemos, o lugar que muitos lhe atribuíam.

Mas é esta situação que determina a maior perseguição sobre si e sobre suas atividades.

Este texto liga-nos ao fato da paixão e morte de Jesus, tema do Domingo de Ramos e da Paixão.

Paixão e Morte de Jesus: Lucas 22,14—23,56

Este longo relato é analisado neste fascículo. Assim não faremos dele comentário. Apenas note-se que ele é uma versão diferente daquela proclamada na Sexta-feira Santa da Paixão e Morte do Senhor, que é o texto de João 18 e 19.

Vigília Pascal: Lucas 24,1–12

Tema: *Por que estais procurando entre os mortos aquele que está vivo?*

A Vigília Pascal é a celebração mais importante do Ano Litúrgico. Ela apresenta este relato, já analisado neste fascículo.

Não é possível considerar a Ressurreição de Jesus sem a sua Paixão e Morte e estas não podem ser consideradas sem a pregação do Evangelho. A Paixão e Morte de Jesus é consequência de sua pregação. Ele não é um inocente incosequente. É coerente com uma posição tomada desde o início de sua pregação. Sua Ressurreição está dentro do plano de salvação, que é o resgate, a felicidade e a vida para todo o que aceita o Mistério de sua Pessoa e Missão.

II. TEMPO DA PÁSCOA – ANO C: LUCAS

Domingo da Páscoa

Manhã: João

Tarde: Lucas 24,13–35

Tema: *Reconheceram-no ao partir o pão.*

Este texto é o dos discípulos de Emaús. Ele foi analisado nesta unidade. Mas é a conclusão da descoberta da Pessoa e Missão de Jesus. Permanecem de Jesus sua Palavra e os Sinais de sua presença.

Os próximos Domingos terão todos, na proclamação do Evangelho, o texto de João. Assim não iremos comentá-los.

2º Domingo da Páscoa: João

3º Domingo da Páscoa: João

4º Domingo da Páscoa: João

5º Domingo da Páscoa: João

6º Domingo da Páscoa: João

7º Domingo da Páscoa: Lucas 24,46–53

Tema: *Enquanto os abençoava, afastou-se deles e foi levado para o céu.*

A ascensão de Jesus é sua retirada física deste mundo. Agora Ele estará presente na Palavra e nos Sinais. Os sinais são os Sacramentos, mas são também os discípulos que se reúnem para testemunhá-lo. De fato, este tema, o “testemunho”, será o tema fundamental de Atos dos Apóstolos. Não é de se estranhar que este texto, que no final cita os discípulos com alegria, no templo, louvando a Deus, demonstre-os justamente juntos, em sintonia. Este será o primeiro testemunho que eles darão. Nesta unidade este texto já foi analisado.

8º Domingo da Páscoa Pentecostes: João

Sendo de João, não iremos analisar.

BIBLIOGRAFIA

A Bibliografia sobre Jesus é imensa, com as tendências mais diversas que se pode imaginar. Aqui citamos as fontes inspiradoras para nosso estudo e o que mais nos parecem adequadas para uma investigação séria do tema. Consideramos apenas os livros em língua portuguesa. Que fique bem claro que existem outros textos também interessantes.

- BIBLIA DE JERUSALÉM. Trad. dos originais. Nova ed., rev. São Paulo : Paulinas, 6ª impr. 1993.
- BROWN, Raymond E. *A morte do Messias*. Comentário das narrativas da Paixão nos quatro Evangelhos. Vol. I. Tradução: Bárbara Theoto Lambert. São Paulo : Paulinas, 2011, 1044 pág. (Coleção Bíblia e História, série maior)
- CROSSAN, John Dominic. *Em busca de Jesus*. Debaixo das pedras, atrás dos textos. Trad.: Jaci Maraschim. São Paulo : Paulinas, 2007, 328 pág. (Coleção Bíblia e Arqueologia)
- MARGUERAT, Daniel (org.). *Novo Testamento: História, escritura e teologia*. Trad.: Margarida Oliva. São Paulo : Loyola, 2009.
- MAIER, John P. *Um judeu marginal: Repensando o Jesus histórico*. Vol. I: As raízes do problema e da pessoa. Trad.: Laura Rumchinsky. 3ª ed. Rio de Janeiro : Imago, 1993, 488 pág.
- MAIER, John P. *Um judeu marginal: Repensando o Jesus histórico*. Vol. II, Livro 1: Mentor. Trad.: Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 1996, 316 pág.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesus. Uma abordagem histórica*. Trad.: Bernardino Henriques. Coimbra : Gráfica de Coimbra 2, 2008, 550 pág. e mapas.
- PUIG, Armand. *Jesus, uma biografia*. Trad. Lara Almeida Dias. Lisboa : Paulus, 2ª ed. 2010, 702 pág.
- SACHOT, Maurice. *A invenção do Cristo*. Gênese de uma religião. Trad.: Odila Aparecida de Queiroz. São Paulo : Loyola, 2004, 194 pág. (Coleção Bíblica Loyola, 40)
- VERMES, Geza. *Jesus e o mundo do Judaísmo*. São Paulo: Loyola, 1996. (Coleção Bíblica Loyola, 17)

QUESTÕES AUTO AVALIATIVAS

Estas questões correspondem à ideia que, se houve uma leitura atenta, o próprio estudante pode avaliar seu aproveitamento.

1. Por que entendemos que Jesus Cristo é **sinal de contradição** no Evangelho segundo Lucas?
2. Podemos **ler** todos os textos da Bíblia **do mesmo modo**?
3. O que são **gêneros literários**?
4. Indique **alguns gêneros literários** presentes nos Evangelhos.
5. O que são **blocos narrativos**?
6. Como podemos entender **mistério** no caso dos textos dos Evangelhos?
7. A partir da leitura e do estudo da última parte do Evangelho segundo Lucas, vista nesta unidade, do 1º Ato, que chamamos aqui de “Jesus, o Perseguido”, quais são os **momentos principais** que envolvem a sua Pessoa?
8. A partir da leitura e do estudo da última parte do Evangelho segundo Lucas, do 2º Ato, que chamamos de “Jesus, sua Paixão e Morte”, quais são os **momentos principais** que envolvem a sua Pessoa?
9. Para aderir a Jesus, isto é, para **crer**, é necessário algo. Ficamos conhecendo o que é pela leitura de Lucas 24,13–35. Fale um pouco sobre **crer** a partir desta passagem importante, que se chama geralmente de “discípulos de Emaús”.
10. Como podemos compreender o Evangelho de Lucas? Tente responder de modo pessoal, a partir de sua percepção, tendo em vista nosso estudo.

Note bem:

As respostas destas questões poderão ser enviadas pelos nossos leitores, vocês que estão fazendo este curso, para a sede de nosso curso. O endereço está na última capa deste fascículo. Lembre-se do que comentamos na apresentação: não enviaremos a correção das suas respostas. E mesmo que você não envie estas respostas das perguntas você continuará a receber os fascículos das unidades de nosso curso. Se você desejar, mesmo assim, mandar suas respostas, nós ficaremos gratos, pois assim poderemos saber se nosso texto está sendo bem compreendido.

As sugestões de respostas para estas perguntas seguirão como próximo fascículo de nosso Curso de Formação a Distância.

